

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

SUMÁRIO

REDAÇÃO:	Pag.		Pag.
Ano letivo de 1933	1	NOSSA EXPERIÊNCIA	
COLABORAÇÃO		Frequência escolar	21
Influência das cantinas escolares sôbre a frequência das escolas primárias públicas — Por dr. Cruverlhier	8	A questão dos problemas — Por Aimoré Dutra	25
Ante-projeto da futura Constituinte	10	As estatísticas educacionais de 1933	27
Práticas escolares — Por Duntalmo Prazeres	11	Notas do corpo Técnico	30
As lições de coisas — Por Francisco de Mello Franco	13	DAQUI E DALÍ	
O ensino de Geografia	15	Educação dinamica	76
Aula de música	17	Resumo da dissertação feita pela professora substituta, Maria Scomor Pereira	84
		Visita domiciliar	87
		Uma crise de ensino	89
		Instruções e aviso	91

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

O ano letivo de 1933



Não é possível, em poucas linhas, dar uma expressão nitida do que foi, em 1933, o movimento nacional em Minas-Gerais. O professorado mineiro deu, mais uma vez, prova exuberante de sua capacidade de trabalho, de seu espírito de sacrifício, de seu nobre idealismo.

As atividades escolares se multiplicaram por todos os recantos de Minas, e o ardor de nosso professorado se revestiu de novas formas de trabalho e de novos meios de ação.

Vamos dar um rápido resumo do trabalho realizado.

Jornais escolares

Os jornais escolares já existiam em várias escolas. Até o dia 10 de novembro a relação organizada pela Inspeção Geral da Instrução contava de 380 jornaisinhos procedentes de 143 municípios mineiros.

É um número bem significativo.

A Inspeção Geral da Instrução mandará uma coleção completa para figurar na exposição que está sendo organizada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, no Rio de Janeiro.

Praças de esportes

Foram instaladas praças de esportes nos seguintes estabelecimentos de ensino: Escola de Aperfeiçoamento, Escola Normal, Grupo "Barão de Maucaubas", Grupo "Afonso-Pena", Grupo de Venda-Nova e mais algumas no interior do Estado.

Foi inaugurado, também, o primeiro Parque Escolar, com o nome de Parque Escolar "Olegario-Maciêl".

Cursos técnicos complementares

O ensino técnico complementar, restaurado pelo decreto n. 10.362, foi enriquecido com mais quatro cursos instalados nos seguintes grupos da Capital: "João-Pessoa", "Pedro II", "Bernardo-Monteiro" e "Lucio dos Santos".

Curso de Aperfeiçoamento a Religiosas

No dia 12 de junho foi instalado o Curso de Aperfeiçoamento a Religiosas.

Matricularam-se nesse curso — o primeiro que se efetua no Brasil — 75 religiosas, representando 43 estabelecimentos de ensino normal do Estado.

Colégio "Sacré Coeur de Marie", de Belo-Horizonte — 7.

Irmãs Margarida Maria da Cunha Mello, Maria Regina Mello, Maria do Crucifixo Miranda, Maria Imelda Vieira, Maria de Salles Ciscotto, Maria de Lorêto Dias, Mario Loyola Teixeira.

Colégio "Imaculada Conceição", de Belo-Horizonte — 8.

Irmãs Maria da Gloria Vargas Netto, Maria da Conceição Valentim, Encarnação Herrero Perez, Regina Maria de Almeida Barbosa, Maria José Homem da Costa, Maria Amelia de Almeida Barbosa, Antonia Ribeiro Junqueira, Isabel Tejero.

Colégio "Sagrado Coração de Jesus", de Belo-Horizonte — 4.

Irmãs Clodensindis (Maria Teresa Simon), Mariawa Theodora Plowinski, Ignez Maria de Moraes Campos, Anna Amelia Lage.

Colégio de Araguari — 5.

Irmãs Maria Vianneysita Alves, Maria Rosita de Oliveira, Maria Eloyna Leoni, Maria Evangelista Almeida, Maria Olga Torres.

Colégio de Varginha — 3.

Irmãs Maria Luiza, Marie Ange, Maria Eugenia.

Colégio de Poços de Caldas — 3.

Irmãs Maria Rosa Porto, Clarice de Jesus Mercês, Haydée Maria Magdalena Ribeiro.

Colégio "Sion", de Campanha — 2.

Irmãs Maria Geralda de Sion e Maria Addolorata de Sion.

Colégio de Conceição — 2.

Irmãs Maria Esther do Preciosissimo Sangue e Angela de Jesus.

Colégio de Diamantina — 1.

Irmã Catharina Baeta.

Colégio "Stela Matutina", de Juiz de Fora — 2.

Irmãs Marília Cerqueira e Ignezia Neves.

Colégio de Queluz — 2.

- Irmãs Emilia Chaves e Affonsina de Oliveira.
Colégio de Muriaé — 2.
- Irmãs Maria José Gomes Veado e Carmen de
Azevedo Trigo.
Colégio de Alfenas — 2.
- Irmãs Maria do Sagrado Coração e Maria Ra-
chel.
Colégio de Uberaba — 2.
- Irmãs Maria Angela da Eucharistia e Maria
Dagmar do Coração de Jesus.
Colégio de S. João del-Rei — 2.
- Irmãs Luiza Mello e Margarida Machado.
Colégio de Barbacena — 2.
- Irmãs Luiza Pereira e Catharina Rodrigues.
Colégio de Serro — 2.
- Irmãs Josephina Guedes e Cecilia Ferreira.
Colégio de Arassuaí — 1.
- Irmã Wilfrida Schautissen.
Colégio de Pouso-Alegre — 1.
- Irmã Lucy de Moraes.
Colégio de Teófilo-Otoni — 1.
- Irmã Euphrosina Von Boort.
Colégio de Araxá — 1.
- Irmã Maria Nelly.
Colégio "Santa-Maria", de Belo-Horizonte — 1.
- Irmã Maria Paula Costa.
Colégio de Itajubá — 1.
- Irmã Maria Catharina Arruda.
Colégio de Mariana — 1.
- Irmã Julia Bonnefoi.
Colégio de Carmo do Rio Claro — 1.
- Irmã Maria Elizabeth Silva.

- Colégio de Curvelo — 1.
- Irmã Angelina da Santissima Trindade.
Colégio de Itambacuri — 1.
- Irmã Maria Cecilia de S. Luiz.
Colégio de Ubá — 1.
- Irmã Maria do Presepio Mello.
Colégio de Lavras — 1.
- Irmã Emilia de Deus.
Colégio de Itabira — 1.
- Irmã Maria Rita de Cassia.
Colégio de Carangola — 1.
- Irmã Maria do Céu.
Colégio de Viçosa — 1.
- Irmã Maria Joanna d'Arc.
Colégio de Montes-Claros — 1.
- Irmã Maria Ignez Mendes Siqueira.
Colégio de Leopoldina — 1.
- Irmã Dora Abranches Viotti.
Colégio de Campo Belo — 1.
- Irmã Charista Klein.
Colégio de S. Sebastião do Paraíso — 1.
- Irmã Maria Nastary.
Colégio de Rio-Novo — 1.
- Irmã Maria Celeste do Menino Jesus.
Colégio de Ponte-Nova — 1.
- Irmã Odilia Climaco.
Colégio de Cataguazes — 1.
- Irmã Maria Josephina da Sagrada Familia.
Colégio de Passa-Quatro — 1.
- Irmã Maria das Dóres Caiafa.
Colégio de Sabará — 1.
- Irmã Margarida do Divino Crucificado.

Curso intensivo de educação física

Em setembro foi instalado um curso intensivo de Educação Física, destinado às professoras dos grupos da Capital e do interior.

Matricularam-se representantes de 79 municípios.

Reunião de assistentes técnicos

Em julho, o sr. Secretário da Educação convocou os assistentes técnicos do ensino a esta Capital. Realizaram-se, durante quinze dias, reuniões diárias, tendo sido debatidos assuntos referentes ao ensino.

Reunião de professores do interior

Nas férias de junho, a Inspeção Geral da Instrução promoveu várias reuniões destinadas aos professores do interior, que se encontravam na Capital.

Semanas pedagógicas

Em vários pontos do Estado realizaram-se, com enorme êxito, semanas pedagógicas, cumprindo destacar as efetuadas em Uberlândia, Juiz de Fôra e S. João del-Rei.

Clubes de Leitura

A Inspeção Geral da Instrução tem recebido comunicação do grande movimento das bibliotecas escolares, espalhadas por todas as escolas. Os clubes de leitura existem em número avultado, não tendo sido possível organizar, até agora, uma relação completa de todos êles.

Sôpa escolar

O serviço de sôpa escolar está sendo feito em quasi todos os grupos escolares da Capital e em muitos do interior. Em Juiz de Fôra a sôpa escolar será, brevemente, inaugurada.

Clubes diversos

Patrocinados pela Escola Normal de Juiz de Fôra, foram ali instalados cursos especiais de Museu, a cargo do prof. Leopoldo Cathout, e de ortografia, a cargo do dr. Mario Magalhães.

Na Capital, realizaram-se dois cursos especiais de museu, a cargo do sr. Paulo Monte: um, às professoras da Capital, e outro às Religiosas, do Curso Especial de Aperfeiçoamento.

Conferências e palestras

Belo-Horizonte teve a visita de dois grandes educadores: o padre Xavier de Mattos, que realizou uma série de dez conferências às Religiosas, e o dr. Everardo Backeuser, que realizou várias conferências.

Houve, também, palestras pedagógicas em grande numero nos estabelecimentos da Capital e do interior, realizadas pelo Inspetor Geral e por outros professores.

Canto orfeônico

As professoras d. Branca de Vasconcellos e d. Maria Amorim organizaram magníficos orfeões na Escola Normal da Capital. Ambas têm alcançado grande sucesso.

Um movimento confortador

Não é possível dar aqui um relato fiel do que foi, no corrente ano, o ensino em Minas. Podemos afirmar que o professorado mineiro foi inexcelsível em dedicação e entusiasmo.

COLABORAÇÃO**Influência das cantinas escolares sobre a frequência das escolas primárias publicas**

pele dr. *Cruveilhier*,

(Membro do Conselho Superior de Protecção à Infância da França).

A lei de 28 de março de 1882, que proclamou o principio da instrução primária obrigatória para as crianças de 6 a 13 anos de idade, permanece impotente para assegurar realmente a frequência escolar. Ora, em um país de sufrágio universal como a França, e, não somente no interesse particular de cada um, mas no interesse politico, como no interesse social da nação inteira, que a instrução de todos seja uma realidade, e que os cidadãos, futuros operários, como futuros camponeses, tenham uma cultura sufficiente para se tornarem seres conscientes, tanto de seus deveres individuais e sociais, como de seus direitos.

Para garantir a frequência regular da escola, tem-se recorrido mais particularmente aos pais, perante os quais se tentaram medidas severas, até mesmo sanções penais. Umias e outras fracassaram completamente. Por isso, pareceu-nos interessante estudar a influencia exercida pelas cantinas escolares sobre a frequência das crianças á escola primária.

Primeiramente estudámos em certos departamentos a proporção dos participantes ás cantinas quanto aos inscritos, e, por outro lado, a frequência escolar. Qualquer que seja a região considerada, são os departamentos que contam maior número de participantes ás cantinas que apresentam a melhor frequência escolar.

A influencia das cantinas sobre a frequência apparece mais claramente se, em lugar de comparar os departamentos entre elles, estuda-se a frequência em uma mesma escola antes e depois da fundação da cantina.

Graças á facilidade que encontrámos junto aos professores e professoras, foi-nos possível fazer uma averiguação em 38 escolas do distrito de Limoges, e em 28 destas escolas a frequência foi manifestamente melhorada com a fundação de uma cantina escolar.

Assim é, por exemplo, que, na comuna de Damps, a proporção de faltas atingia 20% dos inscritos nas duas classes dos maiores e ultrapassava 30% na classe dos menores antes da criação das cantinas, pois que, após, a proporção das faltas caiu de 6 a 7%.

Na comuna de Croisille, antes da criação das cantinas, verificava-se entre os escolares, em media, 22% de faltas, ao passo que, atualmente, esta proporção baixou a 15%.

Na comuna de Sussac, durante o ano que precedeu a fundação das cantinas, 82% dos alunos matriculados frequentaram a escola. Esta proporção elevou-se a 92,9% um ano após o estabelecimento da cantina.

Na comuna de Linards, anteriormente á instituição das cantinas, somente 86% dos alunos matriculados frequentavam a escola, enquanto dois anos depois da criação da cantina, esta cifra elevou-se a 91,77%.

Em Peyrat-Château, a proporção das crianças frequentando a escola elevou-se, após a inauguração de uma cantina escolar, de 88 a 92%.

Em Saint-Sylvestre, as faltas baixaram de 15 a 9%.

No departamento de Doubs, em Verriere-de-Joux, pelo fato da criação de uma cantina escolar, a cifra das faltas caíra de 2.538 a 1.482, seja de perto da metade. O mesmo se passando em Selles, no departamento do Norte, onde, depois da fundação da cantina, contavam-se 765 faltas em lugar de 1.295 durante o ano precedente.

As cantinas têm uma influencia favorável sobre a frequência escolar, mórmente durante os meses de inverno. Pela instalação das cantinas nas escolas, um grande número de crianças poderia ser pósto a salvo destas affeições gastro-intestinaes, tão comuns na infancia, e que são quasi sempre consequentes ás faltas de hygiene cometidas na alimentação. Não e só nas molestias do aparelho digestivo que a alimentação tem um papel importante! Do mesmo modo seria ella responsavel, como demonstrou o professor Hutinel, na

escoliose dos adolescentes, nos distúrbios de crescimento e especialmente na tuberculose.

A ação da cantina não se exerce sómente sobre os escolares, mas também sobre a aplicação e a atenção.

É um ponto acerca do qual concordaram os professores e professoras que consultámos. Todos elles notaram que, depois da criação das cantinas, os alunos prestam mais atenção na classe, trabalham melhor e brincam com mais animação.

É o que já havia verificando Léon Bourgeois que, lembrando o velho proverbio: "Não ha bons soldados quando elles têm o estômago vazio", acrescentava: "Assim como não ha bons alunos em uma escola quando os pobreziños sofrem fome".

Como pondera o professor Calmette, as cantinas escolares poderiam ser, para os que a freqüentam, maravilhosas escolas de hygiene. "Nelas se aprenderia, não sómente a comer convenientemente alimentos sadios, mas também a conhecer os gêneros alimentícios, suas qualidades, nutritivas, seus valores, e, para os meninos do mesmo modo que para as meninas, a maneira de prepará-los".

Estas noções, observa o professor Calmette, poderiam "servir de prefácio ao ensino elemental da economia doméstica, ao mesmo tempo que ao da hygiene teórica, tal como o comportam os programas atuais".

(Apud — Viborel — La technique moderne de la propagande d'hygiène sociale).

Ante-projecto da futura Constituição

Constam do ante-projecto da futura Constituição Brasileira os seguintes dispositivos sobre o ensino:

TITULO XI

Da cultura e do ensino

Art. 111. São livres a arte, a ciência e o seu ensino.

§ 1.º Incumbe á União, aos Estados e aos Municípios dar-lhes proteção e favorecer-lhes o desenvolvimento.

§ 2.º Gosam do amparo e solicitude dos poderes públicos os monumentos artísticos, bem como os históricos e os naturais.

§ 3.º Cabe á União impedir a emigração do patrimônio artistico nacional.

Art 112. O ensino será público ou particular, cabendo áquele, concorrentemente, á União, aos Estados e aos Municípios. O regime do ensino, porém, obedecerá a um plano geral, traçado pela União, que estabelecerá os princípios normativos da organização escolar, e fiscalizará, por funcionários técnicos privativos, a sua execução.

§ 1.º Para o efeito de concederem diplomas, poderá a União officializar ou equiparar ás suas as escolas particulares, cujo programa e professorado forem equivalentes aos dos estabelecimento officiaes congêneres.

§ 2.º O ensino primário é obrigatório, podendo ser ministrado no lar doméstico e em escolas officiaes ou particulares.

§ 3.º É gratuito o ensino nas escolas públicas primárias. Nelas será fornecido gratuitamente aos pobres o material escolar.

§ 4.º Para lhes permitir o acesso ás escolas secundárias, e superiores, a União, os Estados e os Municípios estabelecerão em seus orçamentos verbas destinadas aos alunos aptos para tais estudos e sem recursos para neles se manterem. O auxilio será dado até ao fim do curso, sempre que o educando demonstrar aproveitamento.

§ 5.º Para a admissão de um candidato em escola pública, professional, secundária ou superior, levar-se-á em conta sómente o merecimento, nada influyendo a condição dos pais.

§ 6.º Fica reconhecida e garantida a liberdade de cátedra, não podendo, porém, o professor, ao ministrar o ensino, ferir os sentimentos dos que pensam de modo diverso.

§ 7.º O ensino civico, a educação física e o trabalho manual são matérias obrigatórias nas escolas primárias, secundárias, profissionais ou normais.

§ 8.º A religião é matéria facultativa de ensino nas escolas públicas, primárias, secundárias, profissionais ou normais, subordinado á confissão religiosa dos alunos.

Praticas escolares

Os algemados

A escola antiga, aquela que os nossos antepassados frequentaram, tinha práticas verdadeiramente extravagantes e

absurdas. Dentre outras, para hoje só citar uma, venho lembrar aquela que obrigava o escolar a se manter com as mãos cruzadas às costas, quer na aula, quer na fila.

Essa prática chegou, bem como outras, até nossos dias. Ha, ainda hoje, depois das grandes conquistas da pedagogia, conquistas que tem assombrado e empolgado os povos civilizados, depois de universalmente proclamada a *abolição da escravidão infantil*, quem defenda tais práticas a tais posições.

Dizem esses *advogados do erro e do absurdo* que, tendo as mãos cruzadas às costas, o menino não vai "beliscar o colega", e, além disso, adquire o hábito "de se manter sempre em postura elegante e erecta".

Efetivamente, estando o menino com as mãos cruzadas sobre as costas, ele não pôde "beliscar o colega". Mas, pergunto: é natural a posição? E são todos os alunos das escolas que alimentam esse desejo de beliscar? Não. Nem uma coisa nem outra. Nem é natural a posição, nem são todos os escolares que gostam de andar nos beliscões. Sofrem, assim, uns pelas faltas — ou pelas supostas faltas dos outros, ou, para empregar a expressão popular: "pagam os justos pelos pecadores".

E não é só isto. Pratica um ato de violência o professor que coloca os seus alunos em tão exótica posição. E, se assim é no que concerne a uma simples posição, na *maneira de estar do aluno*, que será no mais? Não convém pensar. Violências umas sobre as outras a deformar o carácter ainda em formação, da criança.

Mais, ainda. Estando o menino com as mãos às costas, não beliscará o colega. Ninguém nos dirá, entretanto, se em dado momento lhe acode o desejo de beliscar. Que fará ele em tal caso? Fica a pergunta. Respondam-na os *advogados*. As razões que apresentam têm a resistência das bolhas de sabão.

Porque não tornam natural a posição e, com ela, o ambiente em tudo artificial da sua sala de aula? Porque não melhoram o seu ensino e o colocam ao alcance da compreensão e dentro dos interesses dos seus alunos? Será, talvez, mais comodo manter os alunos com as mãos às costas. Que tem isso, porém, de educativo? Nada, sem duvida. Antes, muito tem de deseducativo e de injusto — e é oportuno lembrar que as crianças não toleram injustiças. Elas mesmas perguntam: então porque no ano passado, em tal escola, um menino beliscou outro, somos nós castigadas a andar de mãos às costas?

Aos que dizem que "o menino adquire o hábito de se manter sempre em postura elegante e erecta", é conveniente que se diga que os técnicos de educação física, os médicos e todas as pessoas de mediano bom senso não se cansam de repetir que o menino tem imperiosa necessidade de se mover. A criança que não se move não cresce. Dizem mais que só não gostam de movimentar-se, de correr, pular, gritar, brincar, as crianças doentes ou pouco inteligentes.

Já é tempo de substituírmos na escola essas coisas inúteis e, sobretudo, prejudiciais. Conservemos nela tudo que lá encontrarmos, velho ou novo, que possa contribuir para a aquisição de bons hábitos e bons conhecimentos, tudo aquilo que seja capaz de contribuir para o enriquecimento do espirito e para a formação do carácter, tudo aquilo que ensine o menino a viver a vida tal qual ela é. Tudo mais devemos tirar, seja o que for.

Perguntou-me, certa vez, um amigo que acabava de visitar um dos nossos institutos de ensino primário, se os meninos ali eram mantidos sob algemas. Claro é que a pergunta me surpreendeu, e, porque não dizê-lo? me escandalizou. Explicou, então, o meu amigo que, vendo-os passar silenciosos, solurnos, cabisbaixos, sem um raio de vida e de alegria, com as mãos às costas, teve a idéa de um triste, de um tristissimo bando de algemados.

E' urgente, é necessário, é imperioso que as nossas crianças das escolas vivam e compreendam a alegria de viver. Para isso, comecemos por quebrar as algemas e deixemos que se nutzam das mãos para todas as coisas nobres da vida.

DUNTALMO PRASERES.

Agosto — 1933.

As lições de coisas

Pestalozzi proclamou, e faz patente pelo êxito alcançado em suas práticas escolares, que fortificar a atenção sensorial e transformar as intuições vagas ou imprecisas da criança em percepções exatas e nítidas, servindo-se das matérias de ensino para esse efeito, deve ser o empenho primordial do professor primário.

Sem duvida não foi senão em virtude dessa concepção que o inolvidando preceptor suíço criou, organizou e sistematizou as lições de coisas, que alguns pedagogistas da atuali-

dade denominam, talvez com mais precisão, lições sobre objectos.

Tais lições, que em matéria de processos se caracterizam pela predominância da intuição directa e da análise, marcaram outrora o início de uma reacção necessária contra o ensino puramente verbal e livro. Foram as primeiras unidades metódicas em que se applicou o fecundo principio, formulado pelo teórico Rousseau, de se apresentarem as coisas antes das palavras ou se ensinarem estas sempre unidas áquelas.

Ora incluídas, de um polo a outro, nos planos e programas de ensino primário, convém frisar, entretanto, que essas lições sómente se valorizam quando se desenvolvem de forma viva, por meio de conversas, palestras e outras práticas em que o aluno assumia uma attitude activa em torno de coisas materiais e em contacto com as mesmas coisas. Porque, destarte, unicamente, é que lograremos não só pôr em acção e consequentemente desenvolver todos os sentidos da criança, mas também, e sobretudo, dar-lhe, graças ao treino realizado os hábitos preciosos da observação metódica e da investigação, sem os quais seriam impossíveis o aprendizado e a vida intellectual.

Para que as lições de coisas resultem de todo o ponto efficientes, faz-se mister ainda que atendamos, de cada vez, a uma única coisa, evitando sempre as digressões inúteis. Além disso, o objecto determinado deve ser apresentado aos alunos de modo que lhes desperte a attenção. É preciso que eles o vejam com interesse e possam examiná-lo minuciosamente, considerando-lhe todos os aspectos e propriedades.

Depois de vencida essa etapa e uma vez preenchidos os requisitos apontados, as crianças poderão reagir com relativo acerto ás perguntas do professor, entendendo, ao mesmo tempo, o valor da lição e expressando, com os recursos verbais ou gráficos de que disponham, as observações feitas e os conhecimentos adquiridos.

Quanto ás perguntas do professor, importa que, formuladas com arte e prudência, sejam bem dosadas e adequadas á capacidade mental dos educandos.

Os frequentes fracassos nas reacções dissipam o fervor das crianças, quando as humilham e deprimem.

FRANCISCO DE MELLO FRANCO.

O ensino da geografia

Não foi sem razão que Erick Glest afirmou que a Geografia é uma das ciências mais antigas e ao mesmo tempo a mais moderna.

O passado do ensino geográfico, até meados do século XIX, sofreu a mais completa transição, com o aparecimento das novas concepções que remodelaram o pensamento de ser elle a méra descrição da terra. Começaram com Davis as novas diretrizes, seguras e precisas, firmando-se que a Geografia não descreve apenas, mas explica, principalmente. Ontem, eram os alunos obrigados a saber a altura dos morros, o comprimento dos rios, riachos e córregos, as áreas, populações *exatas*, os pequeninos rios que faziam os marcos de limites. Hoje em dia os estudos geográficos tomaram outros rumos, abriram novos horizontes.

Devolveu-se ao passado todo o empirismo congesto, para se ir colher em fontes seguras a verdadeira finalidade da mais verdadeira das ciências, ensinando-se o aluno a raciocinar, pensar, descobrir, deduzir, explicar e concluir.

Desde o estudo mais simples da terra, na sua camada externa, o ensino da Geografia mostra-se á altura de conhecimentos seguros, fugindo do tradicionalismo emperrado das aulas monótonas e de decorações. Uma região, um vegetal, deram a Humboldt novas orientações baseadas em que: em qualquer região da terra, onde o sólo fór o mesmo e as condições climáticas as mesmas, deverá nascer tal espécie de vegetação. Pensa-se que von Humboldt foi um botânico, quando, de fato, foi profundo geógrafo.

O professor de Geografia deve conhecer botânica, astronomia, zoologia e ter conhecimentos de outras ciências, porque a interdependência é manifestamente evidente.

Passou-se do verbalismo confundidor ao racionalismo analizador das questões científicas. Não se decora mais: compreende-se. Não se csmiçam as nulidades para se encher a cabeça do aluno: explica-se e conclue-se.

Banze definiu a Geografia como sendo a filosofia unitária do envoltório terrestre.

Em outros autores, como Ratzel, não vamos encontrar uma definição sequer. Estuda, explica, deduz e conclue.

As suas conclusões são a concepção da nova Geografia. Se estudarmos o homem, o que se quer saber não é a sua raça, a cor de sua pele branca ou preta. Para Everardo Backeuser, o que nos interessa é a sua cultura. O fator sólo

poderá ser, ora negativo, ora positivo, explorável ou não. Finalmente, em síntese, a Geografia se preocupa com o *sólo, clima e o homem*, como quer Penck.

Isoladamente? Não. Nas suas íntimas relações, ou seja: agindo ou agindo uns sobre os outros. A Geografia estudando os três fatores ligados intimamente, procura localizá-los com o aumento dos fatores *espaço e posição*.

Na idealização de Otto Maull, a Geografia se preocupa com as paisagens naturais ou culturais, quer no presente, quer na pre-história. Ora, aí entram os fatores *tempo e espaço*. Não está a Geografia mais na relação das ciências abstratas de Comte. As definições não preocupam mais os estudiosos, nem haveria motivo para tal, se o estudo é naturalmente experimental.

Confundiram por muito tempo os curiosos, a ponto de se admitir mais de uma geografia. Só ha uma, e essa é que não se limitou a progredir num determinado circulo de realizações: estende-se a ponto de tocar tantas outras ciências, hoje ligadas ao seu objetivo. Evoluiu tanto que se sente que tocou a culminância do seu desideratum.

Na escola primária os fatos da ciência geográfica ainda deixam muito a desejar. Não se nega que ha professores que procuram dar suas aulas de um modo intuitivo, procurando uma metodologia ao alcance da criança. Outros seguem os métodos decorativos ou nomenclaturais.

Ainda listas de pontos são dadas aos alunos, á guiza de pontos, dos quais tiram as mais absurdas conclusões. Suponhamos que a classe do 2.º ano vai aprender o ponto *Estados limitrofes*.

A professora começa por confundir limites com Estados limitrofes. Explica, de início, o que são limites. Colhe exemplos que o aluno conhece: sólos, rios, serras, etc. As cartas murais ou mapas, mal applicados, provocam certa dificuldade. Geralmente os mapas são colocados em cavaletes ou pendurados diante da classe, quando o natural seria que fossem postos no chão ou sobre uma mesa, posição racional. Ha crianças que julgam que o norte está sempre em cima, porque assim lhe ensinaram, posição em que postam as coisas em posição vertical.

A nosso ver, os mapas deveriam estar horizontalmente, até que a classe recebesse as primeiras noções. Preferível seria que o ponto *Estados limitrofes* fosse ensinado em mapas em alto-relevo, como o que construímos em cera. Os acidentes se apresentam com mais naturalidade, e a questão *limitro-*

fes é mais bem compreendida. O aluno, guiado pelo professor, irá descobrindo intuitivamente a questão *limites*.

Abolir de vez as nomenclaturas e a série de nomes excessiva, ocasionando o aprendizado decorativo. Os altos-relevos são estupendos para essas aulas. Quando não os possuirmos, as aulas poderão ser dadas no pátio do recreio, como tivemos a oportunidade de experimentar.

Traçou-se no sólo o Estado de Minas. Localizou-se Estado por Estado, nas imediações de Minas. Fizeram-se construir pelos alunos os acidentes que servem de marco de separação. Movimentaram-se todos, e não raro pedem outras aulas. Não ha decoração: ha compreensão, e tudo se explica com clareza.

As aulas dadas em salas fechadas berram pela sua improcedência, a menos que outros meios venham em auxilio. Nem sempre o material empregado é bem utilizado pelo professor e tão mal empregado que é preferível a decoração.

A conclusão que tiramos é a seguinte: ou o ensino de Geografia faz-se com espirito intuitivo e claro, levando o aluno a raciocinar, deduzir, compreender e explicar, ou será de completa nulidade, como até então se tem feito. A sorte em que se acha o estudo dessa matéria de grande utilidade imediata é a mais penosa possível, provada pela fôlha dos alunos quando interrogados sobre fatos mais simples.

A educação científica geográfica ou aperfeiçoá o aluno e o coloca a par da verdadeira realidade, ou não deve ser ensinada, com prejuizo para o estudante, que se vê alijado ao cipóal do incompreensível.

Cabe, agora, escolher-se.

WALDEMAR PRADO.

Aula de musica

(Método global)

Observação — Não é necessário ensinar, separadamente, os nomes das notas e nem a sua colocação na pauta, pois, como se aprende a lêr, modernamente, aprender-se-á também, depois de um variado número de exercícios musicais, os nomes, a colocação e os respectivos sons de todas elas, sem grande dificuldade.

Assim como transmitimos as nossas idéas, os nossos sentimentos por intermedio de uma carta, de uma crônica ou mesmo de um livro, poderemos transmiti-los também, por meio de uma carta ou trecho musical. A música não é nada mais do que a leitura feita com "os olhos na alma"; portanto, tem com esta grande analogia. A única diferença existente entre uma carta comum e uma carta musical é que esta última é escrita com sinais característicos, em papel pautado, tendo no principio uma chave chamada clave e que serve para indicar o meio pelo qual poderemos lê-las.

EXERCÍCIO PRÁTICO

Cantar para os alunos alguma canção em tom natural. Por exemplo: "A dança das notas" do Cancioneiro.

Quando a maioria dos alunos tiver aprendido a música, por audição, passar-se-á a mesma no quadro negro, para que seja solfejada.

Ex.:

1ª frase musical

2ª

3ª

4ª

Leitura métrica do exercício por 1 ou vários alunos.

A professora solfejará o exercício, fazendo-se acompanhar pelos alunos de melhor afinação. — Por já saberem a música de ouvido, não terão eles dificuldade em dar á

nota o som que lhe corresponde; além disto, aprenderão também o valor rítmico de cada uma delas, o que muito facilitará na marcação dos compassos.

A música ainda, como a leitura, é composta de frases; estas frases formam o pensamento musical.

Exemplo:

Vamos dançar um valsa (1.ª frase)



A frase musical se compõe de 4, 8, ou mais compassos; os compassos, de tempos, e os tempos, de notas.

Ex. do 1.º retângulo pautado:



Ha neste retângulo 3 valores ou tempos representados por 3 notas: do, ré, mi. (Fazer com que os alunos observem se as 3 notas têm a mesma duração ou valores.

Perguntar-lhes se todas elas têm o mesmo som. Dar diversos exercícios, cantá-los para que os alunos digam se o som é mais alto ou mais baixo, etc. Dizer-lhes que a colocação das notas na pauta é que faz variar a altura do som; quanto mais alto estiverem elas colocadas, tanto mais alto, também, será o som. Portanto, no exercício dado, as notas têm o mesmo valor, porque são escritas do mesmo modo, mas não têm o mesmo som, porque não estão colocadas na mesma altura.)

Com o 2.º retângulo, far-se-á o mesmo exercício.

3.º retângulo pautado:

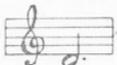


.Fazer com que

os alunos notem as diferenças existentes entre este retângulo e os 2 primeiros. (Como é escrita a nota, o seu valor, etc). Verão eles que a duração da nota — sol — é perfeitamente igual á das 3 antecedentes; para isto saber, basta ritar o exercício ou cantar a sua letra.

NOTA — A professora poderá dar numerosos exercícios com os valores das notas — , até que, sem sentir, os alunos aprenderão a conhecê-las em qualquer trecho musical que lhes fôr apresentado.

Far-se-á o mesmo exercício com o último retângulo

da 1.ª frase:  e com as outras frases restantes.

Para que não se tornem monotonas as explicações, poderá a professora variá-las o mais possível, intercalando jogos musicais. Por ex.: "O jogo do retângulo pautado"

Em cartões de cartolina, traçar os diversos retângulos que formam as frases musicais; distribuí-los em classe; chamar alternadamente, o aluno que estiver com o 4.º retângulo da 1.ª frase, o 1.º, o 3.º, etc. Formada a 1.ª frase musical, formar-se-á a 2.ª, 3.ª, e 4.ª. Quando todas as frases estiverem prontas, cada aluno solfejeará as notas que estiverem no seu cartão. Esse jogo presta-se a grande número de variações.

NOTA: — Esses exercícios poderão ser dados durante as primeiras aulas até que fiquem bem gravados na memória dos alunos, o desenho das notas, a sua colocação na pauta, o som, ritmo e formação das frases musicais. Nada de definições de música, nem de melodia, etc. Com um variado número de exemplos, ficarão os alunos sabendo, praticamente, que uma, duas ou mais frases musicais formam a melodia e que esta não é sinão a música no que a arte tem de mais simples. Ficarão para mais tarde o conhecimento da harmonia.

Observação prática — Seria de grande utilidade para o ensino prático da música se o método de solfejo adotado nas Escolas tivesse os seus primeiros exercícios com letras para que fossem estas cantadas e, em seguida, fosse o exercício solfejado. Assim, os alunos aprenderiam a ligar os sons ouvidos aos sons das notas que, em música, lhes correspondessem.

"TERSANJE SAULO"

Minas-Gerais, 19 de novembro de 1932

NOSSA EXPERIENCIA

Frequência escolar

Matrícula e frequência escolares, em Minas, como em toda a parte, são obrigatorias, sob cominação e sanção do regulamento do ensino.

Isto, é obvio, deve significar que nenhuma escola pública, de qualquer categoria ou localização, deve ter sempre boa frequência em relação à matrícula.

A estatística escolar, a inspeção do ensino provam que, afóra os bons grupos escolares urbanos, a infrequência é constante e desalentadora no geral das escolas singulares.

As cau as dêsse mal, dêssa anomalia?

Muitas e complexas: o pauperismo dos pais e responsáveis pelos alunos; a negligência culpôsa dos responsáveis pelos alunos; o descaso das autoridades escolares; a falta de material didático e, finalmente, a inaptidão didática e educacional do professor. Como atender e sanar êsses fatores da infrequência escolar?

Pauperismo. Contra êsse mal: a caixa escolar, a merenda, a sôpa, o copo de leite. Logares há, porém, pela sua pobreza e atraso, incapazes de compreender e manter a caixa escolar.

Nêsses lugares o remédio está na assistência escolar por parte do município e do Estado.

Tem o Estado e o município muitos meios de manter essa assistência. Lembro sómente um, viavel, equitativo, humano e até edificante para o contribuinte: pagarem os alunos ricos uma taxa de matrícula em benefício dos alunos pobres, pauperimos e de famílias quasi indigêntes.

O aluno rico amparando o colega pobre.

Isto seria o mais belo gesto de cooperação, solidariedade e socialização escolar.

Assim, evitar-se-ia que o aluno pobre deixasse de frequentar a escola, hoje porque sua mãe não leve com que fazer o almoço, amanhã porque a única fatiola escolar se acabou ou está se lavando.

Se aqui, na Capital, os médicos escolares encontram 50 % de alunos desnutridos, no campo ou no interior, êles encontrarão 95 %*, se até lá se estendesse a assistência médica.

A fome do estomago e a nudez do corpo malam a fome de aprender e a alegria de ir á escola.

Negligência dos pais. Este fator da infrequência escolar interfere-se no do pauperismo, porque os próprios pais analfabêtos já se interessam pela instrução dos filhos.

Já se não ouve o caboclo do campo dizer:

— Pra que escola? Eu não aprendi e tou vivendo. Livro de pobre é enxada. . .

Não ha mais negligência dos pais pela frequência escolar. O que freqüentemente a ocasiona são as penurias dos pais camponeses pobres, que precisam do auxilio dos filhos nos serviços de plantação, carpa e colheita de suas lavouras. Nessas ocasiões os filhos faltam á escola semanas, quinzenas.

Será negligência dos pais? Não; é a pobreza, a necessidade e . . . "Necessitas caret lege".

Certo, ha exceções de pais verdadeiramente negligentes por incompreensão do dever patrio. Contra éstos, o professor, o inspector escolar devem agir regulamentarmente no sentido de lhes serem applicadas as cominações da lei.

Falta de mobiliário e material didático.

E' outro fator da infreqüência. Quando os pais de alunos pobres, no termo de 1, 2, 3 meses, se convencem de que o professor não pode fornecer a seus filhos: lapis, caderno, livro, etc. e que as carteiras são tão poucas, que 3 e 4 alunos se aboletam numa só carteira dupla, elles desgostam-se, desanimam, e a infreqüência dos filhos á escola está justificada para elles. Contra esse fator da infreqüência, muita vez não é culpado o professor. Esse material, pedido, lhe não foi enviado, ou o foi escassamente ou tardamente. Claro está ser a culpa ou da escassez de verba *material escolar* ou

dos incumbidos de fornecer e de expedir tal material.

Falta de aptidão didática e educacional do professor.

Este é o fator mais freqüente e pernicioso da infreqüência escolar. O bom educador e professor tem sempre ótima frequência, qualquer que seja a categoria e a localização de escola. Avanço: localização de escola. Avanço mais: esse bom professor e educador faz o milagre de atenuar e de sanar aquêles outros fatores da infreqüência. Fato de observação segura e que a assistência técnica constata diariamente: escola de pouca frequência, mau professor; escola sem frequência legal, pessimo professor. E este julgamento applica-se tambem ás classes de grupos escolares e de escolas reunidas. Esta observação não falha nunca, porque o aluno é o melhor juiz do poder didático do professor.

Certo que a evolução rápida do ensino primário vai paulatinamente e seguramente, em Minas, atenuando esse fator da infreqüência, mas elle ainda atúa principalmente nas escolas, urbanas, rurais e distritais. E' um mal que vem de longe e de consequências perniciosissimas.

A boa inspeção técnica e administrativa podem atenuar esse mal, mas não, extirpá-lo. Suas raizes vêm de longe e consolidaram-se na gleba esteril de politica local.

Ha, entretanto, principalmente nestes dias de reconstrução poli-

tico-administrativa, uma medida, que, inexoravelmente applicada pela Secretaria da Educação ou melhor, pelo Governo do Estado, extinguiria esse mal: não mais se permitir que a esteril politica local, municipal ou distrital, prevaleça na escola quanto á nomeação, conservação, remoção e exoneração de professores e quanto á organização escolar.

Mais do que em qualquer outro departamento administrativo, no da Educação politica. Emancipar a Instrução da politica é um imperativo para a eficiência, o decóro e a autonomia da própria Secretaria da Educação.

Dois casos ou episódios dos mefelicis da politica na escola, que aqui registro, por inéditos e pitorescos.

Primeiro. Escola urbana. Professora normalista e esposa de negociante rico e influencia politica no municipio. Pessima a impressão minha quanto á frequência, aproveitamento dos alunos, ordem, disciplina e escrituração escolar.

Escola mixta.

Matrícula 65 alunos, presentes 15 no dia da primeira inspeção. Ausente a professora e substituída por uma sobrinha. Dentro de meia hora aparece a professora, 'senhora trintona, e desculpou-se, pretexto de doença, por ter fadado á escola. Prestei-lhe assistência durante o tempo escolar, por três dias seguidos. Era escola completamente desorganizada,

mercê da inaptidão didática educacional da docente.

Notára eu, dêde que chegára, duas pilhas de níqueis de tostão sôbre a mesa da professora. Perguntei-lhe antes de deixar a escola, que significava aquêde dinheiro ali. Candidamente respondeu a professora: — Ha dous anos adoeçi gravemente e fiz á N. S. da Aparecida promessa de dar semanalmente aos pobres dous mil réis, e, como meus alunos são todos pobres e todos muito vadios, vou cumprindo minha promessa com dous proveitos. — Como? perguntei-lhe — Dou um tostão a cada aluno que vem á escola diariamente para elle não falhar e cumpro minha promessa.

Satisfaço a N. S. da Aparecida e melhoero a frequência da escola; dous proveitos no mesmo saco, não acha, sr. inspector? — Sim, respondi-lhe; mas não vejo o segundo proveito, porque sua escola não tem frequência legal, e como se arranja a senhora, no fim do mês, para conseguir certificado de cumprimento de dever do inspector municipal, mediante apresentação do livro do ponto diario? — Ele nunca se importou com a escola e nunca me pediu ponto diario. No fim do mês meu marido leva á casa d'ele o certificado, já escrito, e elle assina sem ler. — Mas, professora, sua escola hoje teve sómente 15 alunos; neste mês, até hoje, 18; está em branco seu livro de chamada dos alunos, o que é grave irregularidade e indicio de fraude. — Qual fraude qual nada, sr.

inspetor, N. S. da Aparecida me portegge e não ha frade capais de me fazer mal. . .

Como vê o leitor, a professora dos niqueis, além de delinqüente, era de ingenuidade que lindava pela parvoíce . . .

Segundo caso. Escola feminina urbana. Professora normalista. Matrícula 70 alunos. Presentes, no dia da inspecção, 16. Era a 6.ª inspecção que eu fazia á escola, sem quasi nada haver conseguido pela boa organização da escola. A professora, inteligente mas impgressiva e de negligência e cabotinagem notorias, era esposa de politico local e filha natural de senador estadual.

Ja estava eu, havia dois dias, na cidade e, depois de inspecionar a escola masculina, iniciéi inspecção á feminina, por desencargo de consciência apenas, pois a escola era mal irremediavel.

Com energia observei á professora que a escola, pelo que eu via, continuava desorganizada, que minhas assistências anteriores tinham sido impropicias, que seu livro de chamada dos alunos —estavamos em agosto— accusava frequência mensal média de 52 alunos e diária mínima, naquêles mês, de 38.

Perguntei-lhe como explica ter decido hoje a frequência a 16 alunos, com bom tempo e tudo normal na cidade? — Respondeu-me: "sr. inspetor, talvez o sr. não saiba e até não acredite. Desde que o santo vigario I. F., desgostoso com o povo, foi-se embora, ha dois meses, o capêta vestido de

vermêlho, olhos de fogo pés e chifres de bode, aparência de moleque refilto, vem fazendo estrepolias na cidade. Cerca as meninas quando vêm vindo para a escola, e elas, coifadlinhas, correm apavoradas para a casa. Ainda hoje as meninas do Rosario, da Vargem e do Xóróró, quando viñham em grupos para escola, voltaram, porque foram perseguidas pelo capêta.

Inda ontem mandei avisá-las que não faltassem, porque o sr. in petor tinha chegado. Umás 30 meninas daqueles bairros, o tinhoso do capêta as esparventou hoje. Por isso aqui estão só 16 alunas... Foi uma desgraça a saída do sr. Vigario. O Capêta tomou conta da cidade... e, dizendo isso, a professora simulando-se apavorada, persignou-se e osculou a medalha santa, que trazia no pescoço.

Obtemperei-lhe: — Mas, professora, se o Capêta ha três meses impede a boa frequência na sua escola como explica estar seu ponto diário com frequência mais do que legal na primeira quinzena d'êste mês e dos 3 meses anteriores?

Ela não se perturbou e, com serenidade burlesca, respondeu-me: — Eu considéro frequêntes as alunas perseguidas pelo Capêta, que não pôdem comparecer á escola. O sr. inspetor não acha ser causa de força maior como são epidêmias, enchêntes?

Narro, entre dezenas de outros semelhantes e até pitorescos, êsses dous episódios para provar

os maleficios da politica na escola.

Creio que agora a meus colêgas de assistência técnica não se deparam casos semelhantes, pois são do tempo da inspecção técnica, das viagens em dorso

de burro.

O automóvel espantou os capêtas, e N. S. da Aparecida não mais amadrinha a infreqüência escolar.

Ernesto Santiago
14 — 10 — 1933.

A questão dos problemas

Aimoré Dutra.

III

Estas notas não poderão ter a seqüência que eu desejaría dar-lhes. Isto é, não poderão focalizar todos os problemas de uma certa disciplina pelas etapas naturais que elles apresentam. E nem tão pouco isolar sistematicamente uma disciplina e seguir-lhe todas as modalidades didaticas, porque isso não é cousa que se possa fazer em notas breves como estas, — traçadas, muitas vezes, nos quartos dos hotéis ou nos solavancos do trem-de-ferro.

Estas linhas apressadas visam, apenas, esboçar motivos de aulas baseados sobre o ponto, aliás, mais importante da psicologia educacional — a observação feita pelo aluno, mas a observação selecionada e conjugada com a experimentação. E, como a experimentação sobre tados objetos é, muitas vezes, impossível em se tratando de algúns matérias, compete ao professor exercitar suas faculdades artisticas criando os casos em que sejam possíveis os problemas. Raciocinar é tirar re-

lações entre as questões propostas para que estas se tirem consequências lógicas. E consequências que aproveitem pelos frutos de natureza econômica, científica, industrial, etc.

Vejamos esta questão mais de perto:

Imaginemos uma aula de geografia ou de corografia em que se estuda o rio S. Francisco. É uma aula importantíssima. Principalmente em se tratando de uma classe que conheça, já, outros rios importantes do mundo como o Danubio, o Rêno ou o Nilo.

(Mas não se trata, aqui, de conhecimento memorizado pelo mapa ou pelo compendio).

Ora, essa classe saberá que o Egito, por exemplo, não teria nenhuma expressão geografica, nem histórica, nem comercial, nem artistica, nem econômica, se não fosse uma região de grande fertilidade. E, como toda a fertilidade do Egito lhe vem do humus que as enchentes do Nilo derramam por todas as suas margens, segue-se que o Egito é o Nilo.

Do estudo comparativo entre os dois rios — o Nilo e o S. Fran-

cisco — o professor poderá fixar os pontos de referências que aproveitem às conclusões que tiver em vista para formular os problemas que vai propor às classes. Deve ter o cuidado de recorrer o menos possível aos dados crus da geografia — a números pesados de estatística e a nomes arresvesados de acidentes geograficos sem valor consideravel. O lado pitoresco e anedótico é que deve ser fixado. E, dentro dele, como a criança tem o espirito essencialmente indagador, ela descobrirá, fatalmente, uma grande quantidade de ocasiões para dar traços á hólá.

Encaminhem-se essas indagações naturais e espontâneas, de modo que fiquem evidenciadas e firmes as questões de valor prático, tais como: a) Aspecto da paisagens nas nascentes do rio.

b) Acidentes que forçosamente o terreno hade oferecer para que certas secções da bacia do rio sejam maiores ou menores.

c) Secções de maiores probabilidades de navegação;

d) Regiões mais ou menos pantulosas e as razões dessas endemias.

e) Zona de mais ou menos fertilidade;

f) Tipo das populações ribeirinhas das diversas secções do rio;

g) Riqueza florestal recursos industriais, possibilidades economicas, etc. dessas secções;

E assim por diante.

Agora, alguns problemas para se capacitar do poder de elaboração mental da classe:

1) *O povo do Nordeste do Brasil quando se dirige para Minas, margeando o S: Francisco, sobe ou desce o rio?*

Esse problema parece tolo. Dirsi-á que até uma criança de 7 anos o responde com acerto.

Entretanto, eu já li, em um jornal de Belo-Horizonte, a entrevista de um famigerado beletриста mineiro, em que se afirmava que a gente que vem do Nordeste desce o S. Francisco!

E que, para a fama quem faz boa poesia ou boa prosa não precisa ter boa observação...

2) *As grandes enchentes do S. Francisco se fazem sentir principalmente, depois que éle recebe uma quinta parte dos seus grandes afluentes?*

Aqui a criança terá que concluir que um quinto do volume das águas não pôde influir mais em um fenômeno que quatro quintos.

A natureza da sua resposta será importantissima. Ela mostrará o grau da elaboração mental como consequência lógica da observação e como cômputo das de, mais noções aprendidas. Tais noções serão as da fisionomia das paisagens, principalmente, por que se relacionam com a força do colorido e da arte como que o professor tratou o assunto e impressionou o espirito do aluno.

É claro que, no caso de um quinto do volume das águas influir mais nas cheias que quatro quintos, a explicação só poderá ser encontrada na configuração dos terrenos onde se localizam ou por onde correm as águas avolu-

madas pelo afluente que formam as duas frações.

3) *Qual o principal obstaculo que se antepõe ao progresso nas margens do S. Francisco e em que secções do rio éle se apresenta?*

Esse problema, — como, alias, todos os outros — não pode ter senão uma resposta ao espirito da criança.

A criança já conhece as diversas regiões banhadas pelo rio.

Sabe quais são as zonas pantanosas ou drenadas pela diferença de nivel do terreno. E concluirá, de modo natural, que as regiões

menos accessiveis ao progresso são justamente as mais fortes em recursos materiais: as de grande florestas ou as de grandes campinas margiais cobertas de humus fertilizador.

Justamente porque, — de acórdo com as alunas que teve, — já sabe que, onde ha humus ha enchentes e onde ha enchentes ha malárias, porque ha águas estagnadas e lodosas, excelentes culturas de mosquitos.

E' uma conclusão paradoxal, mas que hade levá-las a compreender, também, que matar mosquito é uma grande obra de patriotismo e de humanidade...

As estatísticas educacionais de 1933

(Comunicado da Directoria Geral de Informaçoes, Estatística e Divulgação, do Ministerio da Educação e Saúde Publica).

O Convênio Estatístico que a União celebrou com as suas Unidades Politicas em 20 de Dezembro de 1931, de acórdo com as conclusões assentadas no seito da 4.^a Conferência Nacional de Educação em consequência da esclarecida e oportuna iniciativa da Associação Brasileira de Educação, determinou que as estatísticas educacionais brasileiras, moldadas segundo os mais adiantados padrões e organizadas mediante a mais estreita colaboração das administrações regionais com o Ministério da Educação se publicassem, a partir de 1932, até 30 de Setembro do ano seguinte.

Esses padrões representavam, não ha dúvida, o que de melhor se poderia pretender na matéria, como o reconheceram os numerosos técnicos estrangeiros que as

examinaram e sôbre éles se pronunciaram.

Assim, por exemplo, o Sr. Barriol, Secretário Geral da "Société de Statistique da Paris" que declarou: "J'ai lu avec attention la Convention passée entre les divers Etats du Brésil et j'ai l'impression très nette que rien n'a été omis et si les Services de la Statistique reçoivent exactement les documents, ce sera une statistique qui absolument exemplaire qui pourra être publiée".

Conceito igualmente favorável se contém nesta frase do Sr. P. Bossello, diretor-adjunto do "Bureau International d'Education": "Nous serons heureux d'apprendre que la Convention est appliquée dans toute sou envergure et de recevoir, dorénavant, les informations complètes au sujet de l'activité educative au Brésil".

E para não estender muito las referências, citemos ainda, e por último, esta expressiva e honrosa

apreciação do Sr. A. Peñaherrera G., diretor Geral de Estatística, Registro Civil e Censo da República do Equador: "Aunque creo que no me corresponde emitir mi opinión sobre el precitado Convenio, me permito manifestar a usted que hasta la lectura del plan general comprendido en el artículo 9.º, me parece que se halla en los siguientes artículos 10, 11 y 12, para apreciar que se satisface la técnica más exigente de estadística de tal naturaleza; pudiendo, por consiguiente, tener la seguridad que los estudios y deducciones tan detalladas, darán un exacto conocimiento del perfeccionamiento de la educación y cultura nacionales y su movimiento evolutivo.

Me es forzoso manifestar a usted que la estadística administrativa, como función de Gobierno, recientemente se la está implantando en mi país y para ver conseguir, en lo que a estadística educacional se refiere, una orientación precisa, servirán muy eficazmente en lo que fueren adaptables las disposiciones contenidas en el Convenio tantas veces mencionado".

Se, entretanto, o plano assentido pelo Convênio correspondem da melhor forma a todos os fins da estatística educacional, não se poderia também negar que os seus objetivos representavam, nas condições atuais do meio brasileiro, um programa bastante difícil de realizar. E efetivamente esforço dos mais penosos foi o conseguir-se, no correr dos anos de 1932 e 1933, a articulação necessária entre os vinte e três órgãos de diferentes administrações, encarregados de levar a cabo a tarefa delineada no acórdão inter-administrativos de 1931.

A falta de pessoal especializado; a completa novidade e a complexidade do plano a executar; a deficiência de recursos materiais para o rápido impulso do serviço; a inexperiência e,

mesmo, o insuficiente espírito de cooperação, dos responsáveis pelos educandários a reconhecer; a precariedade e não poucas vezes, a ausência de registros escolares; as dificuldades de comunicação, as perturbações políticas, financeiras, econômicas, sociais e climáticas em vastas regiões do país, — foram, entre outras serias condições negativas, a que os esforços dos responsáveis pelo trabalho se tiveram de sobrepôr para que o salta compromisso que a administração brasileira tomou consigo mesma não resultasse, com irreparável dano para os fóros de nossa cultura política, mera encenação, a cobrir, senão de rutilado, de desprestígio, por certo, a palavra mutuamente enpenhada entre os Governos signatários do Convênio.

Não cabe aqui relembrar as peripécias da campanha empreendida, senão para trazer à opinião pública o conforto de uma grata certeza: a de que os altos objetivos do Convênio de 20 de Dezembro de 1931 foram plenamente atingidos, não os invalidando por forma alguma, porque sãmente na continuação dos trabalhos, os pontos insucessos parciais verificados, relativamente à instrução primária, como o que infelizmente se verificou no Rio Grande do Sul e no Rio Grande do Norte, e algumas inevitáveis lacunas, quais as que ocorrem em Minas Gerais e na Baía quanto ao ensino não estadual.

Na verdade, o que se tornava preciso provar — e provou-se — era que as nossas administrações regionais já se elevaram nobremente à compreensão do significado de um alto empreendimento nacional a ser levado a efeito com a sua voluntária, disciplina, uniforme e unânime colaboração com o Governo Federal; que os nossos órgãos já eram bastantes à realização de trabalhos técnicos de estatística levados ao mais apu-

rado grau de extensão e complexidade; que, afinal, o país já pôde ter a consciência exata das suas condições de organização e de vida seja em que categoria for de fato sociais.

Agora, o que resta fazer é assegurar a consolidação, a continuidade e o desdobramento da obra realizada, corrigindo-a nos senões que a experiência houver revelado, imprimindo-lhe o rigoroso ritmo previsto e tirando dela todos os benefícios frutos sociais, administrativos e políticos contidos nos vários aspectos do seu êxito.

Dentre as imperfeições verificadas no cumprimento do Convênio, a que talvez mais impressão é a do atraso com que se está terminando a campanha estatística de 1932, por isso que deveria já estar concluída desde 31 de Março. Mas a impressão desfavorável que tal atraso possa estar causando à opinião pública, deve ser atenuada pela certeza de que um esforço intenso vai ser empregado pela totalidade das repartições correspondentes pelo Convênio, no sentido de que a segunda campanha em que se vão empenhar solidariamente, se cinja de modo rigoroso aos apertados prazos prefixados.

Outro ponto também cumpre levar-se em conta.

O essencial, naquele particular, era que se conseguisse o estipulado na cláusula décima-sexta do Convênio, isto é, a divulgação dos resultados da estatística do ensino de 1932 até à presente data, isto é, 30 de Setembro. É certo que se não puderam ainda preparar os volumosos tomos que essa divulgação exige, mesmo porque não se receberam até agora, por se acharem sofrimentos a revisão final, os resultados de Minas-Geraes, São-Paulo, Baía, Paraná e Goiás, além dos do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, que serão computados com caráter supletivo, tais as suas

deficiências. Ainda assim, todavia, apresentam-se neste comunicado os dados mais gerais do inquérito, e senão em sua expressão numérica definitiva, pela falta de várias retificações ou confirmações já solicitadas por telegramas, em todo caso apenas passíveis de revisão em pequenos detalhes que não lhes afetarão o significado e o alcance.

Orá, vai nisto um acontecimento sem precedentes na história administrativa brasileira — a divulgação dos dados de uma estatística nacional, que abrange fatos da mais lata dispersão, dentro de um prazo pouco excedente de um semestre depois de encerrado o período anual considerado.

Veíamos êsses resultados. Os levantamentos estatísticos ditos que o Convênio Estatístico atribuiu ao Governo Federal foram executados a rigor, conseguindo abranger a quasi totalidade dos educandários nos Estados exclusivamente ao ensino primário geral.

Dos 1.379 estabelecimentos arrolados, cujo detalhado cadastro o Diário Oficial está em via de publicar, parceladamente, como preâmbulo à divulgação da estatística educacional propriamente dita, prevista na cláusula XVI do Convênio, só não figuram nos quadros elaborados — por terem obstinadamente deixado sem resposta as solicitações de informes que lhes foram dirigidas, o diminuto número de 32 (2,32% do total), sendo 1 no Amazonas, 5 na Baía, 7 em Minas-Geraes, 1 no Rio de Janeiro, 13 no Rio Grande do Sul, 1 em São-Paulo e 2 em Sergipe.

Nos 1.347 educandários que figuraram na estatística ministraram-se 2.217 cursos, sendo 273 federais, 327 estaduais (inclusive 10 territoriais), 76 municipais e 1.577 particulares.

Nesses educandários lecionavam 19.420 docentes, dos quais

14.317 do sexo masculino e 5.103 do sexo feminino.

A sua matrícula geral montou a 202.681 alunos (135.204 do sexo masculino e 67.477 do sexo feminino).

A frequência foi de 182.486 (121.239 masculino e 61.247 femininos); registrando-se 26.561 conclusões de curso, das quais 16.102 couberam ao sexo masculino e 10.459 ao sexo feminino.

No ensino primário geral — comum (maternal, infantil, fundamental e complementar) e supletivo (fundamental) — cujo levantamento ficou a cargo dos governos regionais, uma vez supridas com elementos das estatísticas de 1931 as deficiências ocorrentes, registraram-se 27.018 estabelecimentos, nos quais se mi-

nistravam 27.711 cursos, nêles lecionando 56.096 docentes.

Nêsses cursos ou escolas estiveram matriculados 2.025.483 alunos; foram freqüentes 1.424.152, mas só concluíram o curso . . . 119.088.

Apreciando-se globalmente, afinal, as condições do ensino no Brasil durante o ano passado, encontram-se 28.365 educandários, 29.918 escolas ou cursos e 75.516 professores, apresentando o corpo de alunos os seguintes efetivos: matrícula geral, 2.228.164; frequência, 1.606.638; e conclusão do curso, 145.649.

Em últimos comunicados, êsses resultados sofreram exame mais detalhado e das comparações mais expressivas.

Notas do corpo Técnico

Realização do projeto "Jardinagem" no Grupo Escolar "Olegario-Maciel", da Capital

Realizar um projeto não é tarefa muito fácil e não é também muito difícil. Será difícil, se o professor não se reformou primeiro, ou não se sente reformado, para, em seguida, introduzir a nova forma de vida escolar. Será fácil, se o método for suficientemente interpretado em suas novas diretrizes educacionais. O professor que usa o método projeto e mantém ainda a concepção clássica sobre educação, vida e natureza infantil, arrisca-se a catalogar de mau o método em questão.

O professor, porém, que usa dêsse instrumento, não como simples forma transmissora de lições, mas como um processo global de vida e de crescimento para sua classe, verá como seus princípios se ajustam aos objetivos da educação e como seus resultados conduzem ao fim almejado pela escola, isto é, o "crescimento" total de seus alunos.

Parece ser êste um dos dilemas do projeto: Ser ou não difícil a sua realização. Penso que, de um modo geral, a questão se explica daquela forma. Se assim é, a dificuldade central do método nos obriga a considerar êste outro fator impor-

tante — o professor. E mais uma vez teremos que afirmar ser ainda o mestre a chave de mais um problema pedagógico. Aliás, eis o que pensa a respeito Fernando Sainz: "O projeto é, sobretudo, uma reforma de ordem metodológica que não se impõe ao mestre, nem à escola, mas que, pelo contrário, quando o mestre descobre a maneira de conseguir instruir seus alunos em uma dada questão, inventa livremente um projeto".

Dissimos acima que o professor precisa sentir-se reformado ou simplesmente formado pela orientação das correntes modernas, para que possa abraçar com convicção o método e realizá-lo com proveito, tal a amplitude de sua influência e tão completas suas origens naturais, conforme nos mostra Lourenço Filho, na exposição das quatro teorias que o fundamentam: a psicologia genética com Stanley Hall, a psicologia da aprendizagem com Thorndike, a compreensão socializadora da Escola com Dewey, e a compreensão da educação adaptada a uma civilização em mudança, por Kilpatrick.

Dentro das quatro grandes doutrinas encontra o professor a explicação de todas as atividades e situações que decorrem do método.

De tal maneira, êle se desapegará dos hábitos antigos: verbalismo, instrução como fim, prioridade dos princípios e ambiente artificial, substituindo-os por novas direções: raciocínio — instrução como instrumento, prioridade dos problemas, ambiente natural.

Despojar-se-á de velhos preconceitos para confiar na capacidade das crianças em deliberar, agir, organizar, concluir, contribuir, enfim, para o seu próprio desenvolvimento. A propósito, eis como nos fala ainda Sainz: "E' preciso que o aluno dê também mão de obra à sua própria educação". Ou então: "As crianças sabem, melhor do que ninguém, quando precisam de auxílio".

Encontramos provas destes e outros valores, nas notas que abaixo iremos lêr. Ai estão, em sua encantadora fluência, naturalidade e frescura do pensamento infantil, as revelações expressivas do valor do método e os atestados de capacidade da auto-direção infantil.

Detenhamo-nos sobre elas e não tenhamos pressa em concluir. São muito vivas, tratam com fidelidade o ambiente do trabalho e as situações em que se operaram os processos de crescimento físico, mental, social e moral da classe.

São tão vivas que se nos afigura estarmos diante de uma película cinematográfica. Não ha trabalho aparente da pro-

fessora. Não conhecemos, de ante-mão, o seu plano, o seu objetivo; nada de teórico. Como em chapa sensível vem se refletir aí todo o desenvolvimento da grande atividade, que foi um esforço hercúleo para crianças de 9 a 12 anos, um esforço sério, uma empresa, uma realização, com todos seus acidentes de ordem intelectual, social e moral.

E, por fim, imaginemos em pontos opostos essas mesmas crianças, separadas pelo intervalo de 2 anos, (tanto durou o projeto) e não se nos afigurará de uma vez por todas, sobêrbo o enriquecimento que as difere antes e após a realização do projeto?

Deixemos agora que elas próprias nos contem a história do seu jardim, através as páginas vivas e dinâmicas de seu diário, onde a naturalidade das situações se patenteia com tanta realidade, que chegamos a experimentar as emoções das dificuldades, das expectativas, da fadiga e da vitória que empolgaram os pequenos jardineiros.

RELATORIO DO JARDIM — 1931

8 de agosto de 1931.

(1.º Passo) (*)

Os alunos do 4.º ano da classe de d. Elizabeth Barbosa fizeram um officio á d. Vitalia, pedindo-lhe permissão para fazerem um jardimzinho aqui no Grupo. Ela respondeu-lhes que já estavam muito sobrecarregados; tinham o cinema infantil, a venda de pães e outras occupaões.

D. Vitalia, vindo á nossa sala, contou-nos o pedido daqueles nossos colegas e a sua resposta.

Depois de combinarmos, fizemos um requerimento á d. Vitalia, pedindo-lhe para sermos nós os construtores do jardim.

Odette Vicentina Noé.

11 de agosto de 1931.

(2.º Passo)

O nosso pedido á d. Vitalia foi feito por meio do officio que se segue.

(*) Convém lembrar que este diário foi escrito após o trabalho do dia, com o fim de registrar a atividade realizada pela classe. Não vemos, pois, formalismo no emprego destas expressões que precedem o registro do trabalho de cada dia, ao contrário do que se poderia supôr, caso o registro se fizesse antes de realizada a tarefa diária.

"Belo-Horizonte, 11 de agosto de 1931 — Exma. sra. d. Vitalia Campos, d. d. diretora do Grupo "Olegario-Maciel".

Nós, alunos do 3.º ano, da classe de d. Esther Coelho de Mello, dêste estabelecimento, pedimos-vos permissão para fazermos aqui no Grupo um jardim, afim de embelezá-lo e tambem de serem as suas flôres vendidas em beneficio da "Caixa Escolar".

Estamos ansiosos para começá-lo, pois teremos muito capricho em fazê-lo.

Se fôr accioo o nosso pedido, vos ficaremos muito gratos. Saudações.

Raul de Paoli.

17 de agosto de 1931.

(3.º Passo)

Depois de alguns dias, d. Vitalia respondeu-nos permitindo o pedido. (*)

Foi uma alegria geral! . . .

A resposta foi a seguinte:

Belo-Horizonte, 17 de agosto de 1931.

Exmos. srs. alunos do 3.º ano, da classe da professora d. Esther Coelho de Mello.

Com muito prazer, permito que façais o jardim, a que vos referistes, em vosso officio de 11 do corrente, na parte esquerda do nosso pátco.

Louvo o vosso procedimento e o fim generoso de beneficiar a nossa "Caixa Escolar" com a renda de flôres.

Muito satisfeita com a vossa iniciativa, faço votos para que, em breve, o vosso jardim prospere e floresça, embe-

(*) Porque motivo não se teriam os alunos dirigido em comissão á diretora para fazerem o pedido que, por intermédio do officio levou 6 dias para ser respondido? poderíamos indagar. Talvez possamos explicar a razão do officio, do seguinte modo: O Grupo "Olegario-Maciel" funciona em dois turnos. Geralmente a diretora assiste a um; a auxiliar, a outro. Uma professora hábil compreende a importância do momento como fator de influencia no resultado de um trabalho. Os alunos, cheios de interesse e de entusiasmo, talvez tivessem proposto fazer o pedido, no momento, porém,, em que a diretora não se achava no estabelecimento ou, achando-se nêle, estaria certamente entregue a seus trabalhos. Essas razões naturais levariam a professora a encaimhar a classe para a solução empregada, e, assim, geitosamente, introduziu o seu objetivo: instrução como meio — e os alunos discutiram, redigiram e escreveram com um objetivo que os interessava.

zando o nosso grupo e aumentando a renda da Caixa Escolar "Tomaz Brandão".
Saudações.

Vitalia Campos

18 de agosto de 1931.

(4.º Passo)

Logo depois do ofício de d. Vitalia, elegemos um chefe e um sub-chefe para o trabalho do jardim. Aclamamos chefe o nosso colega Luiz Garcia, e para seu auxiliar, René Zauli. Ambos agradeceram-nos gentilmente.

Belo-Horizonte, 19 de agosto de 1931.

(5.º Passo)

Escrevemos umas cartinhas para as classes de 3.º ano, de d. Carlota e d. Elazir, convidando os colegas para serem nossos auxiliares no jardim que vamos fazer.

Escrevi a carta aos alunos de d. Elazir. É a seguinte: "Belo-Horizonte, 19 de agosto de 1931.

Caros colegas da classe de d. Elazir. — Saudações.

Nós, alunos do Grupo Escolar "Olegario-Maciél", da classe da professora d. Esther Coelho de Mello, vimos, por meio desta, comunicar-lhes que vamos ser os construtores do jardim aqui no grupo, e pedir a vocês nos auxiliarem no que pudermos, trazendo ferramentas, sementes, etc.

Do colega agradecido,

José de Assis.

Belo-Horizonte, 20 de agosto de 1931.

(6.º Passo)

Resposta dos alunos de d. Elazir:

"Caríssimos colegas do 3.º ano da sala de d. Esther Coelho de Mello.

Recebemos, no dia 20, uma cartinha de vocês perguntando-nos si os auxiliariamos a fazer um jardinzinho no pátio, a qual nos alegrou.

Estamos muito de acordo com essa idéia, pois é uma bela distração para nós, principalmente de acordo com as nossas bondosas professoras e diretora.

Podem contar com o nosso auxílio. Estamos sempre prontos a prestar-lhes algum auxílio.

Da colega

Philomena Baptista, aluna do 3.º ano da classe de d. Elazir Dolabella".

Belo-Horizonte, 24 de agosto de 1931.

(7.º Passo)

Depois do recreio, nós descemos para o local do jardim com d. Carmen Ribeiro, auxiliar do Grupo, quem nos dirige nos trabalhos do jardim. Para medirmos o terreno, usamos a trena para as grandes extensões e uma fita métrica para medirmos as pequenas extensões.

Para facilitar o nosso trabalho dividimos o terreno em duas partes, como se vê a seguir.

Waldemar Fonseca.

Exercícios relativos ao 7.º passo (*)

Problemas com as medidas do terreno

1.º) Se a dimensão da 1.ª parte é de 13,m.60 de comprimento e 7,m.60 de largura, qual é a sua superfície?

Solução:)

$$13,m.60 \times 7,m.60 = 108,m.236$$

Resposta — A sua superfície é de 108,m.2.3600.

2.º — Qual é a área da 2.ª parte, sabendo-se que ela tem de comprimento 11,m.11 e de largura, 12,m.20?

Solução:)

$$12,m.20 \times 11,m.11 = 25,m.2.5420.$$

Resposta — Sua área é de 25,m.2.5420.

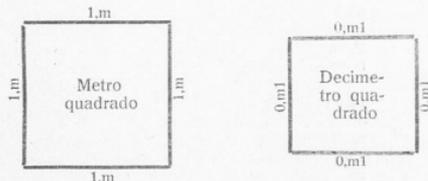
3.º) — Qual é a área de todo o terreno?

Solução:

$$103,m.2.3600 + 25,m.2.5420 = 128,m.2.9020.$$

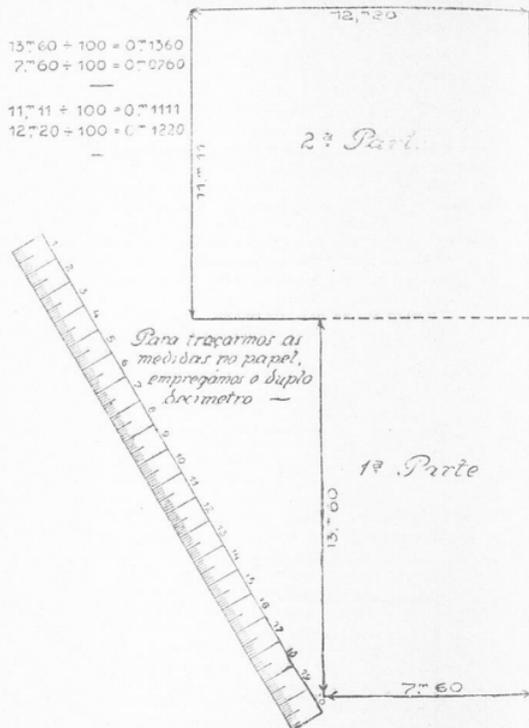
Resposta — A área de todo terreno é de 128,m.2.9020.

Representação:



Planta do terreno representada, 100 vezes menor.

Para representarmos o terreno do jardim, 100 vezes menor, dividimos todas as medidas por 100.



Belo-Horizonte, 24 de agosto de 1931.

Oswaldo Cardinalli.

26 de agosto de 1931.

(8.º Passo) (*)

Neste dia, tivemos a idéa de fazer um officio ao dr. Ernesto von Sperling, pedindo-lhe mudas de grammas, flôres, etc.

Belo-Horizonte, 26 de agosto de 1931.

Exmo. sr. dr. Ernesto von Sperling, diretor da Seção de Agricultura.

Nós, alunos do 3.º ano, da classe da professora d. Esther Coelho de Mello, do Grupo Escolar "Olegario-Maciêl", vimos, por meio d'êste, pedir-vos o favor de nos arranjar mudas de cedro, de grammas, de flôres, etc.

Estamos plantando um jardim aqui no Grupo, e temos encontrado muitas dificuldades em conseguirmos as mudas. Se vós nos atenderdes, ficaremos muito contentes.

Saudações.

Celia Pedercini".

29 de agosto de 1932.

(9.º Passo)

No dia 29 de agosto, recebemos a resposta do dr. Ernesto von Sperling, dizendo-nos que nos pôdia arranjar as mudas.

Segue-se a carta do dr. Ernesto.

"Belo-Horizonte, 29 de agosto de 1931.

Gentilíssima jovem — Sophia Cintra de Araujo.

Minhas cordiais e extensivas saudações a todos os seus colegas.

Acuso o recebimento do officio de 26 de agosto, que me dirigiu em nome de todos os seus colegas de classe, sollicitando-me sementes de flôres e mudas de essências florestais, para o jardim do Grupo "Olegario-Maciêl".

Tenho o prazer de comunicar-lhe que já dei providências a respeito, e espero que o "Horto-Florestal" faça a remessa com a possível urgência.

Felicitando os jovens alunos do 3.º ano d'êste Grupo, pela louvável iniciativa, subscrevo-me com verdadeira simpatia e cordialidade.

Ernesto von Sperling.

(*) Chamaremos a atenção para esta particularidade do problê em questão: veremos, em seu decorrer, a riqueza de oportunidades idénticas que proporcionaram aos alunos um grande desenvolvimento social.

Belo-Horizonte, 4 de setembro de 1931.

(10.º Passo) (*)

Como ficam mais bonitos os nossos canteiros cercados de tijolos, o nosso chefe Luiz Guilherme Garcia nomeou uma comissão de colegas para irem ás olarias pedir um auxilio. Foram infelizes. Nada arranjaram. Ficamos muito tristes, pois não sabiamos mais como haviamos de pedir.

Felizmente, o nosso colega José de Assis teve a boa idéa de mandarmos um officio ao sr. dr. Secretário da Educação, dr. Noraldino Lima, porque soubemos que êle é um homem muito bom, que nunca negou nada a ninguém, e muito distinto.

Fizemos o officio.

José de Assis.

Belo-Horizonte, 11 de setembro de 1931.

(11.º Passo)

Exmo. sr. dr. Secretário da Educação e Saude Publica.

Nós, alunos do Grupo "Olegario-Maciel", do 3.º ano, da classe da professora Esther Coelho de Mello, vimos pedir a V. Excia. um milheiro de tijolos para cercarmos os canteiros do jardim que estamos fazendo, aqui no nosso Grupo.

Já pedimos em todas as olarias da Capital e todas nos negaram. Em vista desta dificuldade, apelamos pela generosidade de V. Excia. para nos atender.

Se fôr accito o nosso pedido, fiaremos muito agradecidos a V. Excia. e muito contentes para continuarmos o nosso trabalho.

Saudações.

Julia do Carmo Pereira, por si e seus colegas.

Belo-Horizonte, 15 de setembro de 1931.

(12.º Passo)

O requerimento que fizemos foi entregue ao dr. Noraldino Lima pelo sr. Claudionor Lopes, que ficou muito interessado pelo nosso jardim. Ele fez tudo para sermos aten-

(*) Observariamos aqui estar ausente o objetivo das questões propostas, embora sejam perfeitamente reais os seus dados. Assim indagaremos: Desejavam os alunos conhecer unicamente a área de seu terreno, ou pretendiam calcular, por exemplo, o número de tijolos necessários ao seu calçamento?

didos imediatamente. Disse aos portadores do requerimento que fossem sempre á Secretaria saber da resposta.

Foram diversas vezes e nada conseguiram.

Já estavamos desanimados, quando, um dia, recebemos os tijolos.

Foi uma alegria imensa na sala! Todos ficaram com esperanças de vêr, em breve, o nosso jardim pronto e florido.

Ludendorff Pinto da Cunha.

Belo-Horizonte, 21 de setembro de 1931.

(13.º Passo)

Fizemos um officio de agradecimentos ao dr. Noraldino Lima, e outro ao sr. Claudionor Lopes de Oliveira.

Segue-se o meu officio ao dr. Noraldino Lima:

Belo-Horizonte, 21 de setembro de 1931.

Exmo. sr. dr. Noraldino Lima, d. d. secretário da Educação e Saude Publica.

O nosso contentamento com o recebimento dos tijolos foi muito grande.

Venho, por meio dêste, em meu nome e no de todos os meus colegas de 3.º ano, da classe de Esther Mello, agradecer muito a V. Excia.

Agora, que já rompemos esta difficuldade, estamos mais encorajados e entusiasmados para fazermos o nosso jardim.

Quando êle já estiver florido e pronto havemos de comunicar a V. Excia.

Com todo prazer aqui o aguardaremos para visitar o nosso jardimzinho e colher uma flôr como lembrança do nosso esforço.

Saudações.

René Zauli.

Belo-Horizonte, 21 de setembro de 1931.

(14.º Passo)

Exmo. sr. Claudionor Lopes de Oliveira, d. d. auxiliar do Inspector Geral da Instrução.

Vimos, por meio deste, agradecer-lhe a delicadeza que o senhor teve para conosco. Se não fosse o senhor, não obteriamos os tijolos tão depressa.

Desde já o convidamos para vir vêr o nosso jardim, quando estiver florido.

Para isto o avisaremos.
Saudações.

Diva Gomes Ferreira, por si e por
seus colégas de classe.

Belo-Horizonte, 26 de setembro de 1931.

(15.º Passo)

Hoje vimos trabalhar pela manhã, porque, ao meio dia, o sol é muito quente.

O chefe determinou que trouxéssemos picaretas, enxadas, etc., para começarmos a cavar a terra. (*)

O chefe tinha a sua turma e o sub-chefe tinha outra.

Queríamos todos trabalhar ao mesmo tempo.

O nosso primeiro serviço foi fazermos uma cerca: 1.º de taboinhas de barricas, presas com arame, para cercarmos o lugar onde deveríamos plantar o cedro da cerca viva.

Depois de feita, ficámos muito alegres e a achámos muito bem feita.

Trabalhámos com d. Carmen e as meninas ficaram com d. Ester, na sala, recebendo outras lições.

Jorge Babo

Belo-Horizonte, 30 de Setembro de 1931

(16.º Passo) (*)

Hoje ficámos muito tristes porque vimos perdido todo o nosso serviço do último dia de trabalho no nosso jardim.

Quando iam os plantar o cedro dentro do cercado que custámos tanto a fazer, descobrimos que as águas da chuva que caem no telhado e passam pela calha, vão passar mesmo no lugar onde iam os fazer a plantação.

Tivemos de desmanchar tudo para fazermos uma sargêta por onde devem passar as águas.

Nei de Barros.

(*) Um dos valores que os mestres da pedagogia apontam no método de projetos é a organização de grupos para o trabalho coletivo. Em diversas passagens deste diário teremos oportunidade de verificar o aproveitamento daquele valor.

(*) A riqueza e a naturalidade desta situação basta para justificar o projeto.

(*) Veremos também que foi bem aproveitada a organização e divisão do trabalho, assim como a ação dos "leaders".

Belo-Horizonte, 3 de Outubro de 1931.

(17.º Passo)

Hoje descemos para dar começo á sargêta por onde devem passar as águas da chuva e nada pudemos fazer, por não sabermos nem começar. Só tiramos 0m,36 do terreno para a largura da sargêta.

O nosso colega Osvaldo Cardinali teve a idéa de arranjar um pedreiro seu conhecido, chamado Durval Santiago, para nos dar umas explicações.

Jorge Babo.

Belo-Horizonte, 6 de Outubro de 1931.

(18.º Passo)

Veiu hoje o pedreiro, que nos ensinou muita coisa. Tomámos nota de tudo.

Eu, como chefe, dividi os meninos em turmas, do seguinte modo:

Pedreiros:

Jorge Babo, Osvaldo Cardinali, Eraldo Moreira.

Ajudantes de pedreiro:

Valdemar Fonseca, Werter Boschi, José de Assis, Custódio Duarte.

Encarregados de cavar a terra:

Murilo Marques Gontijo, Gervasio Barbosa, Luiz Augusto e Ney de Barros.

O nosso colega Raul de Paoli foi encarregado de tomar notas.

Luiz Guilherme Garcia.

Belo-Horizonte, 8 de Outubro de 1931.

(19.º Passo)

Fizemos hoje a primeira parte da sargêta. Esticámos uma linha para marcar o nível dos tijolos da primeira fila. Fizemos bem o serviço, observando as regras que são: cavar o lugar onde devem ser assentados os tijolos e jogar aí uma camada de barro bem mole (mistura de terra e areia); não deixar bambejar o cordão; deixar uma abertura entre um tijolo e outro para encher de barro.

Em um momento nós nos distraímos e não fizemos a tal *amarração* que é ficarem desencontrados os tijolos da primeira fila com os da segunda. O chefe nos mandou desmanchar tudo que estava pronto.

Ainda encontramos outra dificuldade, que foi uma manilha debaixo da terra, onde estávamos cavando. Tivemos de cortar o tijolo para torná-lo mais fino e pô-lo em

cima da manilha, obedecendo a linha do nível dos outros tijolos.

D. Carmen acompanha sempre os nossos trabalhos, e um instante em que ela se distrae, erramos tudo. Quando ela olhou, nos mostrou grandes defeitos e na mesma hora desmanchamos tudo e prometemos ter mais atenção para não perdermos tempo. (*)

Todos os dias, ao acabarmos o serviço, deixamos o páteio limpo e as ferramentas guardadas na sede do grupo.

O nosso coléga Werter é muito prestativo, pois toda a ferramenta de que precisamos, ele nós-lhes empresta.

Os pedreiros trabalham com colher, martelo e linha; os ajudantes, com balde, pá e enxada; os cavadores, com pá, enxada e picareta.

Raul de Paoli.

Belo-Horizonte, 14 de Outubro de 1931.

(20.º Passo)

Nós ainda estamos trabalhando na sargêta. O chefe, que é o nosso coléga Luiz Garcia, determinou que viesse hoje para o trabalho só a primeira turma, que se compõe de um pedreiro que é o Eraldo Moreira e três serventes, que são: Raul de Paoli, Waldemar Fonseca e Custodio Duarte.

O sr. Napoleão Rodrigues da Silva sempre nos olha do portão, á hora do nosso trabalho.

Ele é conhecido de um coléga nosso.

Um dia ele pediu licença á d. Carmen para nos auxiliar. Ela permitiu e ele nos ajudou muito.

E' o dia melhor da semana para nós, porque gostamos muito de trabalhar no jardim.

As vezes, d. Carmen fica zangada quando parámos para brincar, mas, depois, brinca conosco quando um de nós faz uma graça.

O que houve de mais engraçado hoje, foi um tijolo varado por uma bala, achado no meio dos outros pelo nosso coléga Werter Boschi. Com certeza é bala da revolução. Ele vai ser colocado no nosso jardim em um lugar de destaque. Está, por enquanto, no nosso musêu.

René Zauli.

(*) Talvez estes alunos não tivessem iniciado desde o 1.º ano o hábito de trabalhar sózinhos, ou em grupos, sob sua responsabilidade própria.

Belo-Horizonte, 19 de Outubro de 1931.

(21.º Passo)

Continuamos a fazer a sargêta.

O chefe, desta vez, chamou a segunda turma de pedreiros, que são: Oswaldo Cardinali e Rage Saliba; José de Assis, Werter Boschi e Luiz Augusto — serventes.

Tivemos um bom auxilio do nosso porteiro, o senhor Felismino, que nos empresta tambem ferramentas.

Recebemos hoje uma carta de nossos colégas da sala de d. Etlvina, pedindo-nos dez tijólos.

Segue-se a carta.

Belo-Horizonte, 19 de Outubro de 1931.

Ao gerente do jardim, da sala de d. Ester.

Os alunos da classe do 3.º ano de d. Etlvina de Sales, vêm, por meio desta, pedir-lhes o obséquio de lhes arranjar dez tijólos, pois, estão lutando com muita dificuldade para concluirem o último canteiro que lhes falta.

Desde já ficam agradecidos a vocês e sempre ás ordens.

Pelos colégas,

*Marina Correia.
Oswaldo Cardinali*

Belo-Horizonte, 24 de Outubro de 1931.

(22.º Passo)

Hoje ainda trabalhamos na sargêta, que tem sido um trabalho pesado para nós.

Só nos ajudou o senhor Felismino porteiro do grupo, muito amigo, camarada e prestativo. Nós gostamos muito

Custodio Duarte.

Belo-Horizonte, 29 de Outubro de 1931.

(23.º Passo)

Que cousa boa! acabámos hoje o serviço da sargêta encantada que vai terminar no muro que divide o grupo "Oclagiro-Maciel" do grupo "Cesario-Alvim".

Quando estavamos trabalhando, chegou o dr. Gentil de Sales para fazer uma conferência sobre o mal que produz o alcool.

Deixámos o trabalho e fomos ouvir a sua palestra. Ficámos muito atentos e depois da conferência fomos todos continuar o serviço.

Ficámos assombrados com os males que o alcool nos faz.

A convite de dr. Gentil, fizemos um juramento de não bebermos nada que leve álcool.

Com esta bebida somos capazes de matar, roubar, praticar muitas ações feias. Sabendo disto, não seremos capazes de o beber.

Quando terminamos o serviço da sargêta, ficámos muito alegres, porque vencemos o peor trabalho que ha no jardim.

Ludendorff Pinto da Cunha

Belo-Horizonte, 7 de Novembro de 1931.
(24.º Passo)

Estavamos em aula, quando d. Vitalia veio perguntarnos como é que havíamos de arranjar cimento e areia para cimentarmos a sargêta.

Pensámos muito e cada qual teve a sua idéa.

Pedimos cimento em diversas casas e achámos muito boa vontade.

A casa Vidal nos forneceu 40 quilos; a Falci, 10; a casa Solinger, 10; a casa Japi, 10 e a casa Abilio, 3 quilos. O nosso coléga Murilo Marques Gontijo trouxe-nos 4 quilos e a nossa colega Maria Dalva Martins, tambem, 5 quilos. D. Ester, a nossa professora, ofereceu-nos 10 quilos. D. Vitalia e D. Carmen, vendo que o cimento ainda não dava, ofereceram-nos 26 quilos e nós lhes ficámos muito agradecidos.

Ao todo ganhámos 120 quilos de cimento.

A casa "Sasdeli" nos ofereceu uma carroça de areia, de muito boa vontade.

Comissão de pedidos:

Para areia:

Eu, Oswaldo Cardinali, José de Assis e Rage Saliba.

Eu, José de Assis, Heraldo Moreira, René Zauli, Rage Saliba.

Raul de Pauli

Belo-Horizonte, 14 de Novembro de 1931.
(25.º Passo)

Hoje vimos de manhã para adiantarmos o serviço e tambem para aproveitarmos a frescura dessa hora.

Descemos para o pátio.

Foi hoje o último dia de trabalho na sargêta. Cobrimo-la toda de cimento para os tijolos ficarem mais firmes, e ela, mais bonita.

Não sabíamos como misturar a areia com o cimento para ficar uma boa argamassa.

O nosso coléga Heraldo Moreira pediu a um pedreiro seu conhecido uma receita e êle prontificou-se a nos ensinar. Mandou-nos pôr três latas das de 20 quilos de areia e uma de cimento.

Mandou-nos dizer que não podíamos jogar fóra aquela água que fica escura, de cimento, porque ela é o sumo do cimento, ela é que faz colar os tijolos.

Depois de tudo muito bem misturado, com a colher de pedreiro fomos colocando aquela massa em cima dos tijolos, sem deixar uma grêta aberta.

Nós fizemos a massa de cimento 5 vezes e gastámos cinco latas de cimento e quinze de areia.

Quando a sargêta estava pronta, fizemos um espécie de mingáu bem ralo e o jogamos em cima dela para ficar bem lisa.

A nossa sargêta ficou muito bonita e bera feita. Agora, a água da chuva que vem do telhado, passa pela sargêta facilmente e vá cair no bueiro do grupo "Cesario-Alvim" e não atrapalha mais as nossas plantas.

Ludendorff Pinto da Cunha.

Belo-Horizonte, 23 de Novembro de 1931.
(27.º Passo)

Hoje não descemos para o pátio.

Houve na sala uma palestra sobre o jardim.

Conversámos sobre os nossos auxiliares, que são os colégas da sala de D. Carlota Lopes de Oliveira e de D. Elazir Alves Dolabela.

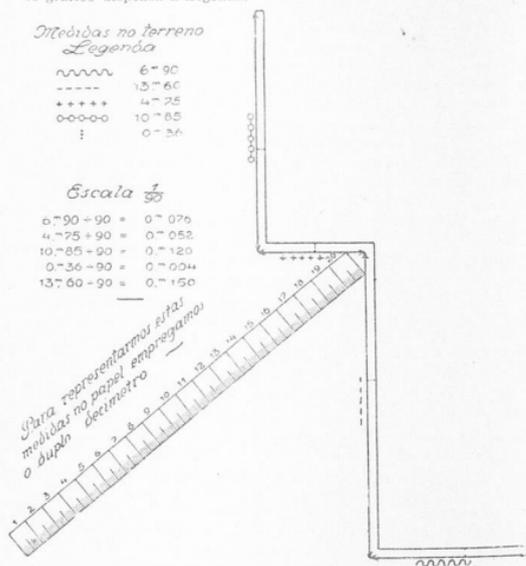
Um dos colégas teve a idéa de darmos uma parte a êles. Outros não aceitaram esta idéa. Mas entrámos em combinação e fornecemos uma parte a cada sala. A parte que fica junto ao muro que dá para a Rua Carijós, demos aos alunos de d. Carlota. Esta parte mede 1m,60 de largura. A parte, junta ao muro que divide com o grupo "Cesario-Alvim", ficou para os alunos de d. Elazir e mede tambem 1m,60 de largura.

Ficou, então, assim tratado e todos concordaram, depois, com a idéa.

Uns colégas não queriam porque o nosso convite a êles foi sómente para nos auxiliarem com ferramentas e no trabalho.

O gráfico abaixo nos mostra que o trabalho da sargêta não foi pequeno.

Embora os alunos tenham empregado cuidadosamente a Legenda, preferiríamos, no entanto, fosse usado aqui o mesmo processo empregado na planta do terreno, pois a simplicidade do presente gráfico dispensa a Legenda.



Belo-Horizonte, 23 de Novembro de 1931.

(27.^o Passo)

Exercícios organizados durante os dias de trabalho na sargêta.

Planta da sargêta, representada 90 vezes menor. E' como se vê abaixo, formada de linhas quebradas.

Problemas relativos ao trabalho da sargêta.

1.^o) A sargêta tendo de comprimento 36m,46 e de largura 0m,36. Qual é a sua superfície?

Solução:

$$36m,46 \times 0m,36 = 13m2,1256.$$

Resposta: A superfície da sargêta é de 13m2,1256

2.^o) Cada tijolo tem de comprimento 0m,24; de largura, 0m,11. Qual é a sua superfície?

Solução.

$$0m,24 \times 0m,0264$$

Resposta: Sua superfície é de 0m2,0264.

3.^o) Quantos tijolos gastámos na sargêta, sabendo-se que ela tem de superfície 13m2,1256 e cada tijolo 0m2,0264?

Solução:

$$13m2,1256 \div 0m2,0264 = 497.$$

Resposta. Gastámos 497 tijólos.

4.^o) Cada tijolo custando \$140 que quantia dependemos se o comprássemos?

Solução:

$$497 \times \$140 = 57\$580.$$

Resposta: Gastariamos a importância de 57\$580

Oswaldo Cardinali

1.^o) Que quantidade de cimento gastámos na sargêta si, para fazermos a argamassa, gastámos 6 latas de cimento medindo ela 0m,35 de comprido; 0m,25 de largura e 0m,25 de altura?

Solução:

$$0m,25 \times 0m,25 = 0m2,0625 \text{ superfície da lata}$$

$$0m2,0625 \times 0m,35 = 0m3,021875 \text{ volume da lata.}$$

$$0m3,021875 \times 6 = 0m3,109375$$

Resposta: Gastámos na sargêta 0m3,109.375 de cimento.

Belo-Horizonte, 23 de Novembro de 1931.

Julia do Carmo Pereira

2.^o) Cada lata pôde conter 20 quilos de cimento. Quantos quilos gastámos si empregámos 6 latas?

Solução:

$$20 \times 6 = 120 \text{ quilos.}$$

Resposta: Gastámos 120 quilos.

Diva Gomes Teixeira.

3.º Custando cada quilo \$400, que importância gastá-riamos se fossemos comprá-lo?

Solução:

$$120 \times \$400 = 48\$000$$

Resposta: Gastá-riamos 48\$000.

Antonietta Arnoni

4.º Quantas horas de trabalho levamos para fazer a sargêta, si trabalhamos 2 1/2 horas por dia, em 7 dias?

Solução:

$$2\frac{1}{2}h.30 \times 7 = 16h.10$$

Resposta: Gastámos 16h.10.

Maria de Lourdes Pereira

Belo-Horizonte, 24 de Novembro de 1931

(28.º Passo)

Hoje não desecemos para o pátio. Houve na sala uma palestra sôbre o jardim. Conversamos sôbre os nossos auxiliares, que são os colegas da sala de D. Carlota e de d. Elazir. Um dos meninos teve a idéa de darmos uma parte a êles; outros, não queriam. Mas, entrámos em combinação e lhes demos um pedaço do terreno.

A parte junta ao muro que dá para a Rua Carijós ficou para os alunos de D. Carlota e a que divide o nosso grupo do grupo "Cesário Alvim", para os de d. Elazir.

Alguns colegas não queriam que êles recebessem canteiros, porque o nosso convite a êles fora para nos ajudarem só com ferramentas, mudas e com o trabalho.

Seguem-se alguns problemas depois de retiradas as partes.

Ney de Barros.

1.º Na primeira parte do nosso terreno temos de cumprido, 7m.60. Tirámos 0m.36 para a sargêta; 0m.46 para a cêrca viva e 0m.50 para caminho. Quantos metros tirámos e com quantos ficámos?

Solução:

$$0m.36 + 0m.46 + 0m.50 = 1m.32$$

$$7m.60 - 1m.32 = 6m.28.$$

Maria de Lourdes Pereira.

2.º Temos de largura na primeira parte — 13m.60. Tirámos 1m.60 para os colegas da sala de d. Carlota; 0.36, para a sargêta; 0m.80 para a cêrca viva e 0.42 para dois caminhos — um de cada lado.

Quantos metros tiramos e quantos nos ficaram?

Solução:

$$1m.60 + 0m.36 + 0m.80 + 0m.84 = 3m.60.$$

$$13m.60 - 3m.60 = 10m. —$$

$$0m.42 + 0m.42 = 0m.84 \text{ os dois caminhos.}$$

Resposta: Foram tirados 3m.60 e ficaram 10 metros.

3.º Na segunda parte do terreno temos de cumprido, 11m.11.

Demos 1m.60 para os alunos de d. Elazir; 0m.36, para a sargêta; 0m.80 para a cêrca viva, e 0m.50 para caminho. Quantos metros nos restam e quantos foram tirados?

Solução:

$$1m.60 + 0m.36 + 0m.80 + 0m.50 = 3m.26.$$

$$11m.11 - 3m.26 = 7m.85$$

Resposta: Ficámos com 7m.85 e tiramos 3m.26.

Odete Nocé.

Belo-Horizonte, 25 de Novembro de 1931.

(29.º Passo)

Findou o ano escolar! Não podemos mais trabalhar no nosso jardim, porque terminaram as aulas.

Que saudades vamos ter do nosso querido jardim!

Nas férias virei, de vez em quando, regar alguns vasos e a grama que o parque nos deu.

Em Fevereiro do ano próximo, começaremos de novo o nosso trabalho com mais coragem porque nas férias vamos nos descansar bastante.

Raul de Pauli. ()*

RELATÓRIO DO JARDIM, FEITO NO ANO DE 1932

Belo-Horizonte, 16 de fevereiro de 1932

Belo-Horizonte, 16 de fevereiro de 1932.

Depois das férias, hoje é o primeiro dia de trabalho no nosso querido jardim.

Acompanhados pela nossa professora, d. Esther, desecemos para o pátio.

Que tristeza a nossa! Veiu-nos o desanimo, porque todo o terreiro estava coberto de capim queimado, cheio de pedras e maço.

A arêcia que deixámos junta estava toda espalhada, e também os tijolos.

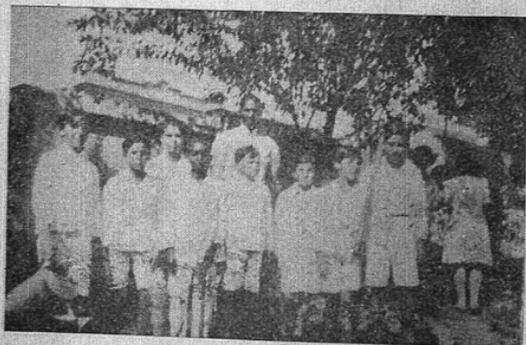
Tivemos coragem e começamos a trabalhar. Algumas meninas se encarregaram de juntar as pedras espalhadas;

(*) A última impressão que nos deixam as atividades do projeto, no ano de 1931, é a de que se inicia um novo e mais forte espírito na Escola.

Os pequenos operarios de jardim



Crianças em trabalho no jardim



Os jardineiros em póse especial



Outra hora de trabalho



Depois da hora do trabalho



O jardim depois de pronto

outras, de carregá-las e jogá-las do outro lado do muro. Uns meninos ajuntaram o cisco e outros jogaram-no em lugar marcado.

vamente limpo o terreno do jardim.

Dentro de pouco tempo, tivemos a alegria de ver no-

Todos trabalharam de boa vontade.

O nosso chefe ficou sendo o mesmo do ano passado —

Luiz Guilherme Garcia. Tendo se retirado do Grupo o nosso colega Heraldo Moreira, que era o sub-chefe, escolheram-me para esse lugar. Fiquei deveras contente, e prometo cuidar muito dele.

Ficou escolhida a segunda-feira para o trabalho do jardim.

Ney de Barros.

Belo-Horizonte, 22 de fevereiro de 1932.

Como precisávamos de mudas de grama e cedro de Li-hano e tínhamos dificuldade em arranjá-las, resolvemos nomear uma comissão para ir comprá-las no "Horto-Floresta".

A comissão foi a seguinte: René Zauli, Jorge Babo e Oswaldo Cardinalli.

Como não podiam ir sózinhos, a professora de trabalhos, d. Maria Taranto, ofereceu-se para levá-los.

Conversámos também sobre o dia que deveriam ir, e ficou marcado quinta-feira próxima, dia 25.

Raul De Paoli.

Belo-Horizonte, 26 de fevereiro de 1932.

Alguns dos nossos colegas foram hoje ao "Horto-Floresta", com o fim de comprar mudas de cedro para o nosso jardim.

Sairam daqui às 7 horas da manhã, acompanhados por d. Maria Taranto.

A comissão foi a seguinte: Oswaldo Cardinalli, René Zauli e Jorge Babo.

Chegaram à estação e um dos meninos foi comprar as passagens.

Por uma distração, o bilheteiro deu-lhe as passagens de 2.ª classe. Os meninos, sem darem pelo engano, entraram todos no carro de 1.ª classe.

Quando estavam quasi na estação do Horto, o chefe do trem veio receber as passagens e observou que eram de 2.ª classe.

Por delicadeza, não os mandou descer.

Chegaram ao Horto. Recebeu-os um senhor muito amável.

D. Maria Taranto explicou-lhe que desejavam comprar algumas mudas para o jardim do Grupo "Olegário-Maciél".

Ele respondeu-lhe que as mandaria sem ser preciso pagar, porque era para o Grupo "Olegário-Maciél".

Ficaram muito agradecidos pelo presente.

Como o trem para a volta demorasse muito, aproveitaram um caminhão que vinha para aqui. Tomaram-no com permissão do "chauffeur", e aqui chegaram às 11 horas, tendo feito muito boa viagem.

Ludendorff Pinto da Cunha.

Belo-Horizonte, 29 de fevereiro de 1932.

No dia 28 recebemos do "Horto-Floresta" cem mudas de cedro e um saco de grama inglesa.

Hoje, 29, desecemos com d. Maria Taranto para o páteo. Estávamos muito alegres porque iamos trabalhar com as plantas.

Nós trouxemos de casa umas latas pequenas para as quais passámos as mudas para se desenvolverem mais depressa.

Escolhemos umas mudas de grama que não estavam sêcas e plantamo-las ao lado esquerdo do muro.

As meninas ficaram encarregadas de molhar as plantas das latas e nós, a grama que estava no chão.

Custódio Duarte.

Belo-Horizonte, 7 de março de 1932.

Hoje não desemos para trabalhar no jardim porque achamos que devíamos eleger um outro coléga para o chefe do nosso trabalho, porque o nosso coléga Luiz Guilherme Garcia, como chefe, já trabalhou muito.

Ele mesmo achou que devíamos escolher um outro.

Um dos nossos colégas levantou-se, e, dirigindo-se ao Luiz, agradeceu-lhe em nome de seus colegas e da professora, os bons serviços prestados.

Ele nos respondeu, muito delicadamente.

Foi eleito, por vontade de todos, o nosso coléga Jorge Babo, que nos agradeceu muito e ficou muito alegre.

Oswaldo Cardinali.

Belo-Horizonte, 14 de março de 1932.

Hoje, o nosso trabalho foi limpar o terreno onde deve ser traçado o nosso primeiro canteiro, que terá a fôrma do Estado de Minas-Gerais, idéa dada pelo nosso coléga — Oswaldo Cardinali.

Uns colégas tiravam o cascalho e jogavam-no do outro lado do muro; outros varriam; outros cavavam a terra, e assim ficou tudo limpo. Nessa limpeza levámos longas horas de trabalho.

Como encontramos dificuldade em arranjar estercos, resolvemos pedi-lo ao dono da padaria "Italo-Brasileira", que nos atendeu com delicadeza, dando-nos todo o que lá havia. Hoje mesmo começámos a transportá-lo em sacos, indo dois meninos de cada vez.

Raul De Paoli.

Belo-Horizonte, 21 de março de 1932.

Como já disse, fizemos hoje o canteiro com a fôrma do Estado de Minas-Gerais.

Depois de d. Carmen nos dar as explicações como deveríamos fazê-lo, por escala, desemos, levando todo o material preciso, como: trena, estacas, etc.

O canteiro obedecerá a escala de $\frac{1}{300.000}$, isto é,

300.000 vezes menor que o Estado de Minas-Gerais, que mede 602.239 km².

Para traçarmos o canteiro tomámos 4 metros de comprimento e 3,m.20 de largura. Para ficar mais fácil, quadriculámos esta extensão, tendo cada quadrinho 0,m.35 de lado. Com uma varinha o fomos riscando, sempre olhando o modelo que estava pendurado no muro.

Depois abrimos a linha que o contornava com uma picarêta e fomos pondo aí os tijolos.

Na fôlha seguinte temos o canteiro desenhado no papel, obedecendo a escala. Ficou lindo o nosso canteiro!

Raul De Paoli.

Um dos canteiros do nosso jardim, com o formato do Estado de Minas-Gerais, representado, no terreno, trezantas mil vezes menor do que o território de Minas.

Escala $\frac{1}{300.000}$ representada aqui no papel 25 vezes menor.

Escala —	1	4,m ÷ 25=0,m16
	25	3,m20 ÷ 25=0,m128
		0,m25 ÷ 25=0,m014

Belo-Horizonte, 25 de março de 1932.

Julia do Carmo Pereira.



Belo-Horizonte, 28 de março de 1932.

Conforme foi dito, em nosso último dia de trabalho, ficou pronto o canteiro com a fôrma do Estado de Minas Gerais.

O que fizemos hoje, foi picar a terra do canteiro com picarêta e enxadão. Era só cascalho bruto. O trabalho foi muito forte, mas tivemos boa vontade, e, por isso, fizemos tudo. Dois meninos carregavam terra; outros dois cavavam e outros dois tiravam terra. Trocávamos de dois em dois dias, o trabalho com a picarêta, para não ficarmos muito cansados.

Os pedreiros foram os seguintes colegas: Luiz Guilherme Garcia e Ney de Barros. Os auxiliares foram: Waldemar Fonseca, Custodio Duarte, Gervasio Barbosa, José de Assis Pinto e Raul De Paoli.

Puzemos terra nova no canteiro, e o deixámos pronto.
Renê Zauli.

Belo-Horizonte, 4 de abril de 1932.

Hoje nós fomos para o jardim pensando onde deveria ficar a circunferência no centro da qual deverá ser colocada uma estátua em homenagem à criança.

Ficou escolhido o lugar mais central, na segunda parte do terreno. Tiramos, com a trena, a distancia do canto do muro à ponta da sargêta. Achámos 10.m.65. O centro da circunferência foi marcado na 3.ª parte desta distancia.

Para riscá-la amarrámos um cordão na ponta de uma estaca e na outra ponta do cordão uma vara. A estaca ficou presa no centro e o cordão bem esticado é o raio que mede 1.m.80, e com a vara traçamos a circunferência. Os jardineiros empregam este processo porque não têm um compasso grande.

Em cima do risco puzemos uns tijolos para não apagar.

A idéa deste canteiro foi apresentada pelos nossos colegas Jorge Babo e Oswaldo Cardinali.

Raul De Paoli.

Belo-Horizonte, 11 de abril de 1932.

Hoje não trabalhamos todos no jardim, porque não havia serviço para todos.

O chefe, Jorge Babo, escolheu três colegas para trabalharem com êle. Com uma picarêta faziam um pequeno vale, onde iam colocando os tijolos.

Trabalharam com o raio do círculo para os tijolos não saírem da linha e ficarem todos na mesma altura.

Até à hora do recreio, estava pronto o segundo canteiro do jardim.

Dois dos nossos colégas foram à padaria "Italo-Brasileira" buscar estêreo para o nosso jardim.

Custodio Duarte.

Belo-Horizonte, 25 de abril de 1932.

Como queríamos a idéia de colegas de outras classes para um canteiro do nosso jardim, fomos à sala de d. Etelvina, saber qual queria nos ajudar. Foi escolhido o Alfredo Ceschiatti, que tem muito gosto para desenho. Da nossa sala fomos eu e Jorge Babo.

Acompanhados por d. Maria Taranto, fomos trabalhar no pátio. Ai puzemos uma carteira e fizemos os nossos modelos.

Depois de prontos, foi escolhido, por todos, o do nosso coléga da classe de d. Etelvina, o qual tem a fôrma de um leque aberto. Assim, fizemos a figura geométrica chamada setôr, que é o espaço compreendido entre um arco e dois raios.

Oswaldo Cardinali.

Belo-Horizonte, 4 de maio de 1932.

Hoje o nosso serviço foi marcar o centro do setôr para traçá-lo. Com um raio de 3 metros, e empregando o mesmo processo com o qual riscamos o círculo, traçamos o setôr, que é o terceiro canteiro do nosso jardim.

Depois de todo riscado, alguns meninos cavaram a terra, porque estava muito dura. Outros, com o martêlo, iam abrindo a linha onde os tijolos deviam ficar. A mão de obra desse canteiro foi minha e do Luiz.

O Gervasio e o Custodio trouxeram estêreo da Padaria.

Ney de Barros.

Belo-Horizonte, 17 de maio de 1932.

Os nossos colégas Jorge Babo e Renê Zauli foram entregar o requerimento ao dr. Ovidio Andrade, secretário da Agricultura.

Esse requerimento nós fizemos para pedir umas mudas de grama, porque não as encontramos em lugar nenhum.

Os portadores do pedido foram recebidos pelo dr. José de Mello Soares Gouvêa, que é o superintendente da Secretaria da Agricultura.

Ele tomou interesse pelo nosso pedido, procurando o meio de facilitar o despacho.

O requerimento segue-se abaixo:

"Belo-Horizonte, 20 de maio de 1932.

Ilmo. sr. dr. Ovidio Andrade, m. d. secretário da Agricultura do Estado de Minas-Gerais.

Em nome de meus colégas do 4.º ano, da classe da professora d. Esther Coelho de Mello, do Grupo Escolar "Olegario-Maciel", venho pedir a V. Excia. um grande favor.

Estamos fazendo aqui um jardim desde o ano passado, e ainda não pudemos concluí-lo devido à falta de mudas de cedro de Libano para uma cerca viva, próxima aos canteiros. Lembrámo-nos pois, de pedir a V. Excia. o obsêquio de nos arranjar duzentas, pois, o comprimento do pátio é de 36,m.95.

Precisamos, também, de duzentas mudas de buxo para cercar canteiros ou alguma outra planta semelhante. Necessitamos também de mudas de grama inglesa para cinco canteiros de 12,m2. cada um. Queremos mudas de flôres variadas: margaridas, manacá, palmas, trepadeiras, lírios, etc.

Teremos muito prazer, si fôrmos atendidos neste pedido, o que fará aumentar o nosso entusiasmo pelo jardim do nosso Grupo.

Depois de todo plantadinho, queremos que V. Excia. nos dê o prazer de uma visita, para o que comunicaremos a V. Excia. em ocasião oportuna.

Si V. Excia. puder nos atender, ficaremos muito contentes.

Por si e seus colégas,

Ludendorff Pinto da Cunha".

Belo-Horizonte, 21 de maio de 1932.

Hoje o nosso trabalho foi fazer um officio ao dr. Noraldino Lima, secretário da Educação, pedindo-lhe meio milheiro de tijolos. E' o seguinte:

"Belo-Horizonte, 21 de maio de 1932.

Exmo. sr. dr. Noraldino Lima, m. d. secretário da Educação e Saude Publica de Minas-Gerais.

Em meu nome e no de todos os colégas da classe da professora D. Ester Coelho de Mello, vimos, por meio desta pedir a V. Excia. mais uma gentileza.

No ano passado, V. Excia. nos forneceu um milheiro de tijólos para o nosso jardim.

Estando já prontos a sargêta e muitos canteiros gastamos 833. Os que sobraram não chegaram para os canteiros que faltam, por isso, confiados na generosidade de V. Excia. vamos pedir-lhe mais meio milheiro.

Esperamos ser atendidos e desde já muito agradecemos a V. Excia.

Por si e por seus colêgas,

Raul de Pauli

Belo-Horizonte, 1 de Junho de 1932.

Hoje recebemos com grande alegria os 500 tijolos que havíamos pedido ao dr. Noraldino de Lima, M.D. Secretário da Educação e Saúde Pública de Minas.

Reunimo-nos todos e em duas horas, mais ou menos, puzemos os tijolos para dentro do grupo, isto é, no pátio, e o empilhámos.

Renê Zauli.

Belo-Horizonte, 11 de Junho de 1932.

Hoje nós ficamos muito alegres porque recebemos um officio de dr. Ovidio Andrade mandando ordens ao dr. José Jacinto administrador do "Horto Florestal" para nos atender no pedido de mudas.

D. Carmen e os colêgas: Raul, Renê, Luiz e Jorge foram muito bem recebidos pelo sr. administrador.

Correram todo o jardim, viveiros de plantas e escolheram umas muito bonitas.

Waldemar Fonseca

Belo-Horizonte, 13 de Junho de 1932.

Hoje, estávamos em aula, quando fomos avisados de que o caminhão do "Horto Florestal", nos trazia as nossas mudas. Eram 8h.40 da manhã. Logo os nossos colêgas: Luiz, Jorge e Ney foram ao portão, recebê-las.

Ficámos muito alegres.

As mudas são as seguintes: Três caixas de cipreste — 68000; Três caixas de buxo — 68000; 37 mudas de plantas para jardim sendo: 2 begônias — 28000; 3 de bogavivile — 158000; 2 de ficus — 28000; 1 de jasmim — 18000; 10 de cravinas — 58000; 4 de amarellas — 48000; 5 de bolbos de palma de Santa-Rita — 58000; 1 caixote de piriquito (cerca canteiro) — 28000; 2 de polianto — 28000; 1 de brinco da rainha — 18000; 2 de azaleas — 28000; 10 de hortência —

108000. Si tivéssemos de comprar tudo, ficaria para nós em 638000.

Raul De Pauli.

Belo-Horizonte, 4 de Julho de 1932

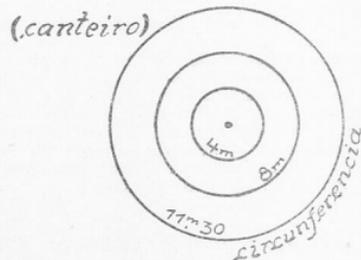
Hoje nós fomos plantar o canteiro em forma de circunferência. Aproveitamos o mesmo centro para fazermos uma circunferência pequena, dentro da grande, com um raio de 1m.10. Marcando esta circunferência plantámos: piriquito — um cerea canteiro muito delicado e muito bonito.

Com o mesmo centro traçamos outra circunferência menor, cujo raio mede 0m.50. No espaço entre 0m.50 e 1m.10 plantamos grama inglesa. No espaço entre 1m.10 e 1m.80 foram plantadas mudas de hortência, tendo de 1m pé ao outro, 1m de distância. Na beirada desse canteiro plantámos também o piriquito.

Waldemar Fonseca.

Problemas relativos ao trabalho do dia anterior sobre o canteiro da circunferência. (*)

1.º O comprimento da primeira circunferência é de 11m.30; da segunda, é de 8m e da terceira, 4m. Quantas mudas de piriquito foram plantadas, si dista uma da outra 0m.15?



(*) A situação, ao nosso vêr, corresponderia melhor á realidade dos problemas empregados na vida prática, si fossem formulados com o objetivo de se determinarem quantas mudas e quantos tijolos teriam que gastar, conhecendo as determinadas dimensões.

Solução:

$$11m.30 \div 8m. + 4m. = 23m.30$$

$$23m.30 \div 0m.15 = 155$$

Resposta: Foram plantados 155 pés de piriquito.
Belo-Horizonte, 5 de Julho de 1932.

Odete Noé

2.) Quantos tijolos foram empregados nesse canteiro sabendo-se que o comprimento da circunferência mede 11m.30 e cada tijolo tem de comprimento 0m.24?

Solução:

$$11m.30 \div 0m.24 = 47.$$

Resposta: Foram empregados nesse canteiro 47 tijolos.

Julia do Carmo Pereira.

4.) Quantos metros cúbicos de terra contém esse canteiro se ele tem de superfície 10m2,178784 e de altura 0m.07?

Solução:

$$10m2.178784 \times 0m.07 = 0m3.71251488.$$

Resposta: Contém 0m3,71251488 de terra.

Josefine Terenzi.

Belo-Horizonte, 11 de Julho de 1932.

O nosso trabalho de hoje foi no sêtor, um canteiro do nosso jardim.

A terra era um cascalho bruto. O nosso trabalho foi pezado. Tivemos que mudar a terra. Nesta a planta não nasce, porque toda a agua se evapora. Tivemos que pôr nele terra nova e fina porque nella não ha evaporação da agua e a planta nasce bem.

Uns meninos picavam a terra com picareta; outros, a tiravam do canteiro e outros, a levavam em latas de 20 quilos para o outro lado do muro.

O canteiro com a terra nova ficou uma beleza, principalmente depois de plantado!

René Zauli

Belo-Horizonte, 18 de julho de 1932.

Próblêmas relativos ao canteiro setôr

1.) A lata que empregamos para tirar a terra bruta do setôr tem de comprimento 0m.35; de largura, 0m.25. e de altura, 0m.25; quantos metros cubicos retirámos si demos 35 viagens?

Solução:

$$0m.35 \times 0m.25 = 0m.0875 \text{ (superfície da lata).}$$

$$0m2.0875 \times 0m.25 = 0m3.021875 \text{ (volume da lata).}$$

$$0m3.021875 \times 35 = 0m3.765625.$$

Resposta — Retiramos — 0m3.765,625.

Sophia Cintra de Araujo.

Belo-Horizonte, 24 de julho de 1932.

2.) O comprimento dos dois raios do setôr é de 6 metros, do arco é de 6m.16. Quantos tijolos empregámos si cada tijolo tem de comprimento 0m.24?

Solução:

$$6m.16 + 6m. = 12m.16.$$

$$12m.16 \div 0.24 =$$

Resposta — Empregámos 50 tijolos.

Maria de Lourdes Campos.

Belo-Horizonte, 31 de julho de 1932.

3.) Tivemos de encher o canteiro outra vez de terra fina e nos servimos da mesma lata. Quantos dms.3 de terra pusemos no canteiro, si demos 29 viagens?

Solução:

$$0m.35 \times 0m.25 = 0m2.0875 \text{ (superfície da lata).}$$

$$0m2.0875 \times 0m.25 = 0m3.021875 \text{ (volume da lata)}$$

0m3.021875 \times 29 = 0m3.634375 (n. de ms3. em 25 viagens).

0m3.634375 \times 1.000 = 634,dm3.375 (quantos dms3. em 29 viagens).

Resposta — Pusemos no canteiro 634,dm.3 375 de terra.

Antonietta Arnoni.

Belo-Horizonte, 8 de agosto de 1932.

Hoje não tivemos trabalho no jardim.

Sómente os nossos colegas Luiz, Raul e Waldemar foram á Praça "Raul-Soares" pedir ao encarregado do desterro daquêle trecho umas carroçadas de terra, pois, os nossos canteiros estavam vazios.

Recebeu-os gentilmente e prometeu-lhes mandar o mais breve possível.

Custodio Duarte.

Belo-Horizonte, 16 de agosto de 1932.

Hoje, o sr. Felismino, porteiro do nosso Grupo, veiu á nossa sala e nos disse: A terra já chegou, e a Prefeitura não consente que ela fique na rua muitos dias.

Pedimos licença á d. Esther, a nossa professora, para irmos guardá-la, o mais depressa possível, no pátio do Grupo. Até a hora do recreio já estava quasi toda recolhida. Estavamos muito cansados, e por isso, pedimos aos nossos colégas do 4.º ano, da classe da professora d. Carlota, para nos ajudarem um pouco.

Eles nos ajudaram muito! . . .

Aquí, neste passo, deixo os meus sinceros agradecimentos aos nossos caros colégas.

Luiz Guilherme Garcia.

Belo-Horizonte, 22 de agosto de 1932.

Neste dia, antes de descermos para o jardim, fizemos, na sala, diversos desenhos para plantarmos o canteiro, que tem a fórma de um setôr. Sairam muito bons, mas o escolhido foi o do nosso coléga Oswaldo Cardinalli.

Aproveitando o mesmo centro do setôr, isto é, de onde partem os dois raios, riscámos um semi-circulo, com um raio de 1.m.30.

Riscámos o raio três vezes e nesses riscos plantámos periquitos, fingindo as varêtas do leque, distanciando uma muda da outra 0.m.10.

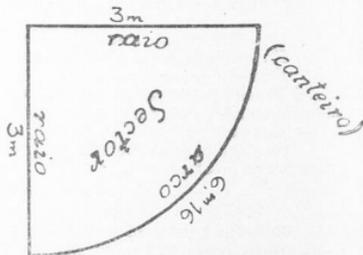
Em volta de todo o canteiro plantámos buxo, com a mesma distancia. Nos lugares vazios plantaremos flôres pequenas, como: flôco, ibíres, etc.

Depois de florido, ficará parecendo um leque aberto e bonito com seus desenhos de flôres.

Raul De Paoli.

Problêma relativo ao setôr

Quantas mudas de buxo plantámos no setôr, sabendo-



se que cada raio seu mede 3 metros e o arco 6.m.16, e si dista

uma da outra 0.m.15 ?

Solução:

$$3.m. \times 2 = 6.m.$$

$$6.m.16 + 6 = 12.m.16.$$

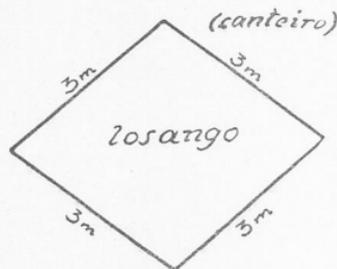
$$12.m.16 \div 0.m.15 = 81.$$

Resposta — Plantámos 81 mudas de buxo.

Raul De Paoli.

Belo-Horizonte, 9 de setembro de 1932.

Hoje descemos para o trabalho do jardim. As turnus



foram divididas do seguinte modo: uns meninos foram terminar o plantio da grama nos canteiros; outros, capinçaram o pátio onde ainda havemos de trabalhar; outros riscavam no terreno o canteiro que tem a fórma de um losango. Este canteiro tem 3 metros de cada lado.

Deixamos uma distancia de 0.m.70 entre este canteiro e os que ficam perto do muro, para caminhos.

Empregámos, hoje, para trabalhar, as seguintes ferramentas: pá, enxada, picarêta e martêlo.

José de Assis Pinto.

Problêma relativo ao canteiro em fórma de losango

Cada lado do losango mede 3 metros. Quantos tijolos colocámos neste canteiro si êle tem 4 lados e cada tijolo tem de comprimento 0.m.24 ?

Solução:

$$4 \times 3.m. = 12.m.$$

12m. \div 0.m.24 = 50.

Resposta — Colocámos neste canteiro 50 tijolos.

José de Assis Pinto.

Belo-Horizonte, 19 de setembro de 1932.

Como temos mais três canteiros para serem traçados, resolvemos que trabalhassemos quinta-feira, hoje.

O nosso trabalho foi o mesmo que do canteiro em forma de círculo. Tirámos toda a terra pedregosa do canteiro e o enchemos todo de terra fina e boa.

Os nossos colegas Rage Saliba, Jacy de Oliveira, Carlos Dias e Celso Moreira, da sala de d. Carlota, também nos ajudaram muito.

Eu emprestei-lhes a minha peneira para peneirarem a terra que ganhámos da Prefeitura, porque ela continha muita pedra e cascalho misturado.

Luiz Guilherme Garcia.

Belo-Horizonte, 26 de setembro de 1932.

Neste dia foi traçado o quinto canteiro do nosso jardim. Ele tem a forma de um triângulo isosceles. Os lados iguais, medem 4.m.25 cada um e o desigual mede 5.m.95.

Eu e meus colegas Luiz, Ney e José de Assis fizemos este trabalho.

Em cada vértice colocámos uma estaca ligada por um barbante.

Luiz e Ney, como são os melhores pedreiros, foram encarregados de colocar os tijolos.

As ferramentas com que trabalhamos foram: martêlo para bater os tijolos; enxada para cavar e uma linha bem esticada para marcar a altura dos tijolos que iam colocando.

Como já estávamos muito cansados, aceitamos o auxílio de nossa professora, d. Esther, mandando um seu conhecido, o senhor Pedro, homem bom e trabalhador.

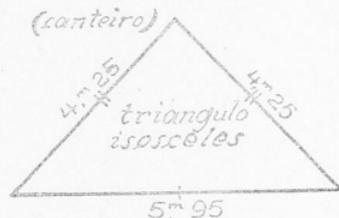
Ele trabalhou com picarêta, enxada, pá e uma lata para tirar a terra bruta. Este homem tirou toda terra ruim que não podia ser cultivada.

Nós a substituímos por outra terra boa e fina.

Terminado o trabalho nós lhe agradecemos muito o auxílio.

Problêmas relativos ao canteiro em fôrma de triângulo isosceles

1.º) — A terra foi retirada em uma lata que mede 0,m.25 de largura; 0,m.25 de altura; e de comprimento, 0,m.35. Quantos dm³. de terra foram retirados de 2 canteiros, si foram feitas 40 viagens ?



Solução:

$0,m.25 \times 0,m.25 = 0,m.2.0625$ (superfície da lata).

$0,m.2.0625 \times 0,m.35 = 0,m.3.021875$ (volume da lata).

$0,m.3.021875 \times 1,000 = 21,dm3.875$ (reduzido a dm³.)

$21,dm3.875 \times 40 = 875dm3$.

Resposta — Foram retirados 875 dm³.

2.º) — Si 2 lados do triângulo medem 4.m.25 e o outro 5.m.95, quantos tijolos foram empregados, si cada tijolo tem de comprimento, 0,m.24 ?

Solução:

$4,m.25 \times 2 = 8,m.50$ (comprimento de 2 lados).

$8,m.50 + 5,m.95 = 14,m.45$ (comprimento de todos os lados).

$14,m.45 \div 0,24 = 60$ (quantidade de tijolos).

Resposta — Foram empregados 60 tijolos.

René Zauli.

Belo-Horizonte, 4 de Outubro de 1932

Ficamos hoje muito contentes porque terminamos o último canteiro do nosso jardim que tem a forma de um retângulo cujos lados maiores medem 3 metros e os menores 1,m90.

Depois de medirmos muito no chão, riscamos o canteiro ficando primeiro, umas estacas nos cantos ligados por um barbante.

Os colegas: Luiz, Renê e José de Assis foram encarregados de colocar os tijolos neste canteiro.

Depois de prontos retiramos dele toda a terra má que não serve para plantação para substituírmos por outra melhor e mais fina.

Já pedimos a muitas pessoas e estamos esperando uma bõa.

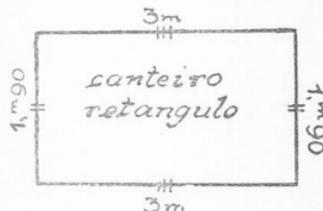
Graças a Deus está terminado o nosso trabalho tendo ficado lindo o nosso jardim que enfeita o pateo do nosso querido grupo.

Oswaldo Cardinali

Problemas relativos ao canteiro em forma de retangulo

Belo-Horizonte, 10 de Outubro de 1932.

1.º) O canteiro em forma de retangulo mede, nos lados



maiores, 3m. e nos menores 1,90. Quantos tijolos foram empregados si o comprimento de cada tijolo é de 0,24 ?

Maria Dália Martins

2.º) Quantos dm,3 de terra contem esse canteiro sabendo-se que ele tem de comprimento 3 metros, de largura 1,90 e de altura 0,11 ?

Solução:

$$0,11 \times 3 \times 1000 = 627 \text{ dm,3}$$

Resposta: Esse canteiro contém 627 dm,3 de terra.

Wanda Fantoni Leite

3.º) Qual é a superficie deste canteiro si ele tem de comprimento 3m. e de largura 1,90 ?

Solução:

$$3\text{m.} \times 1,90 = 5,70 \text{ (Superficie do canteiro)}$$

Resposta: A superficie é de 5,70.

5.º) Quantas mudas de cerca canteiro podemos plantar num canteiro retangular, si ele tem de comprimento 3m e de largura 1,90; si dista uma da outra 0,10 ?

Solução:

$$3\text{m.} \times 2 = 6\text{m.}$$

$$1,90 \times 2 = 3,80.$$

$$3,80 + 6 = 9,80.$$

$$9,80 \times 100 = 980\text{cm.}$$

$$980\text{cm.} \div 10\text{cm.} = 98 \text{ (numero de mudas).}$$

Resposta — Podemos plantar 98 mudas.

Julia do Carmo Pereira.

A FLOR

Hoje, logo que cheguei ao grupo fui dar um passeio pelo nosso jardimzinho, sempre a procura da primeira flor que nos viesse trazer alegria e prazer do nosso trabalho de dois anos! E logo que cheguei vi entre as folhas uma florzinha de flôco no canteiro em forma de leque, isto é, no sector; fiquei muito contente, apanhei-a e guardei-a dentro de meu livro de estudo, como lembrança do nosso caro jardimzinho!

Levei-a para a sala de aula e mostrei-a aos meus colegas e á minha professora, d. Ester, esta aproveitou a oportunidade para nos dar uma aula sobre as partes principais da flor.

Ela nos mostrou, na própria flor, as suas diferentes partes, dizendo: A flor é o órgão da reprodução da planta. E foi, assim, nos mostrando o que é pedunculo, a parte que prende a flor ao caule; depois nos mostrou a corôla, dizendo que é quasi sempre a parte colorida da flor, a que dá a beleza, o encanto e onde fica o perfume. Em seguida nos mostrou também as partes mais internas ainda, dentro da corôla, dizendo que são chamadas: estames e pistilos; estames órgãos masculinos e pistilos organs femininos.

Após o estudo eu ofereci a primeira florzinha para fazer parte do nosso querido relatório.

Belo-Horizonte, 7 de Novembro de 1932.

Luiz Guilherme Garcia

Belo-Horizonte, 14 de Novembro de 1932.

Sendo hoje o nosso dia de jardinagem desecemos todos com a nossa professora para plantarmos umas mudas de margaridas brancas, que nos foram oferecidas pela nossa professora, d. Ester.

Assim que chegamos lá, avistamos as primeiras flôr-zinhas de iberes no canteiro que tem a forma de circunferência.

Foi uma alegria geral; todos queriam apanhá-las para guardar como lembrança.

Eu apanhei umas e trouxe para secar e fazer parte do nosso bonito relatório.

Cecília Pedercini

Belo-Horizonte, 21 de Novembro de 1932.

Hoje, antes de começarem as aulas estávamos todos no pátio conversando, quando a nossa professora, que também estava passeando pelo jardim, apreciando as nossas flôres, veio nos chamar para vermos as primeiras margaridas brancas quasi abertas, pois, as mudas que plantámos já estavam com botões e por isso não demorou a abrir as belas flôres, que assim vieram enfeitar mais ainda o canteiro que tem a forma de um losango. Ficamos todos muito alegres por vermos os nossos canteiros todos floridos.

Apanhei duas margaridas para secar e oferecer depois ao nosso caro relatório e também como lembrança das primeiras flôres, depois de tanto tempo de trabalho!

Sofia Cintra de Araujo

Discurso feito e pronunciado pelo aluno Raul de Paoli, por ocasião do encerramento das aulas.

Cara diretora, distintas professoras e bondosos colegas Querida d. Carmen.

E' com grande pesar que nos vemos obrigados a separarmos de vós. Eu, o mais humilde de todos os colegas, que fazem parte do jardim, fui escolhido para agradecer-vos todo o trabalho que conosco tivestes, dando-nos umas explicações tão boas e ao mesmo tempo práticas. As minhas poucas e simples palavras não exprimem a milésima parte dos nossos agradecimentos, da nossa gratidão.

Nós nos separamos, é certo, mas o vosso nome ficará eternamente gravado em nossos corações. Vós nos guiastes para o caminho do bem, nos ensinando sempre esta sublime virtude que é o trabalho.

Peço-vos, assim como também ás nossas distintas professoras, inúmeras desculpas pelas faltas cometidas durante os alegres anos que aqui passámos.

Em nome de todos os meus colegas, ofereço-vos estas flôres como prova do nosso sincero agradecimento.

Viva d. Carmen!

Belo-Horizonte, 30 de Novembro de 1932.

Raul de Paoli.

Discurso feito e pronunciado pelo aluno Jacy Soares da Silva, por ocasião da entrega do jardim a outros colegas seus.

Caros amiguinhos da classe de d. Macrina.

Fui destacado pelos meus colegas, como sub-chefe do nosso querido jardim, para fazer a entrega d'este á vós.

Deixando o grupo onde passámos dias muito felizes, entrego-o aos meus colegas, pedindo que cada um tenha o mesmo cuidado e carinho com êle, que tivemos todo o ano, molhando-o, não deixando que o mato tome conta dele.

Confio nos meus colegas e, quando por aqui passar, quero vê-lo cultivado e florido.

Peço também permissão a d. Vitalia para oferecer á Bibliotéca Infantil do grupo os livrinhos da nossa bibliotéca.

Ela é muito pobre, mas os livros poucos que temos, são bons.

Aqui estão 16 livros para aumentarem o número da-queles que contém a bibliotéca.

Belo-Horizonte, 30 de Novembro de 1932.

Jacy Soares da Silva

Appendice

Transcrevemos abaixo alguns trechos, em que os alunos registram parte dos conhecimentos adquiridos na execução do Projéto.

Belo-Horizonte, 12 de julho de 1932.

Nossos conhecimentos sobre a evaporação da agua

1.º) Porque não ha evaporação da agua em terra fôfa ?

Na terra ha uns pequenos canais chamados capilares, que atravessam a terra de um extremo a outro. Estes capilares são muito finos, a ponto de não podermos enxergá-los, e só se formam em terra dura.

Passa dentro desses canais a agua que fica sob a terra e quando chega á sua superficie a agua evapora-se por causa do calor do sol.

Em terra fôfa ela não se evapora, porque, não encontrando os canaizinhos por onde ela possa sair, aí fica, e a terra se conserva sempre úmida.

Por esse motivo não podemos plantar numa terra dura e pedregosa. Si plantarmos em terra fôfa esta planta progride por causa da umidade que permanece constantemente nesta terra revolvida.

Si não quisermos que uma planta morra, plantemo-la numa terra bem tratada.

2.º) Para que se revolva a terra endurecida?

A terra endurecida só serve para maltratar as pobres plantinhas que nela plantamos.

A terra, quando está seca e dura, a agua da chuva e da irrigação não se infiltra na terra, espalha-se por todos os lados.

Como já disse, a planta não vive em terra dura porque esta não se conserva úmida.

O que também prejudica a planta não é sómente uma terra dura, é o mato e o capim que nascem também e que furtam a agua da planta.

A terra revolvida ajuda muito no crescimento da planta.

— Para escrever isto eu consultei o livro de "João Pergunta".

Ludendorff Pinto da Cunha.

Belo-Horizonte, 17 de outubro de 1932.

Sementes

Semamos hoje em um dos nossos canteiros iberes e floco, flôres miúdas e muito bonitas.

Plantámos também um grão de feijão. Foi um belo trabalho que deu motivo para nossa professora nos dar uma boa aula sobre germinação, isto é, o nascimento das sementes.

Dentro da semente ha uma plantazinha que se alimenta e respira, por isso, ela vive.

Ela, aí, ainda não tem raiz para tirar da terra o seu alimento, ela vive como quem está dormindo, alimentando-se de uma substancia chamada albumen, que existe nos cotilédones.

Ela deve ser semeada em terra fina, úmida e aquecida pelo calor do sol. A umidade faz amolecer o tegumento que é a casa da semente.

O calor do sol faz o albumen dos cotilédones ficar em condições de alimentar bem a planta. A semente não deve

ficar muito no fundo da terra porque ela precisa também de ar para respirar e lá no fundo êle não chega bem.

Com esses cuidados, dentro de poucos dias, tudo dentro da semente começa a trabalhar. A raiz vai procurando a terra e as folhinhas vão aparecendo na superficie da terra em busca de ar, luz e calor.

Observação

Consulta feita em um livro velho, sem capa, que nos emprestou um colega, não nos sendo, por isso, possível conhecer o seu autor.

Julia do Carmo Pereira.

Conhecimentos sobre a terra

1.º) Para que se revolva a terra cultivada?

Resolve-se a terra para que as plantas possam receber bem o oxigênio do ar, para sua respiração. Ela não estando fôfa, o ar não entra bem na terra e a planta morre por não poder respirar.

A planta precisa de carinho e muito cuidado.

2.º) Para que molhamos a terra?

Molhamos a terra para que ela se conserve sempre fresca. A chuva, principalmente, fazê-lhe grande bem. Quando chove em abundancia os agricultores dizem contentes:

"Vamos ter boa colheita".

A agua faz dissolver todos os sais minerais que se encontram na terra e que são necessários para a vida da planta.

3.º) Para que pusemos estrumes nas plantas?

Para a sua alimentação. Assim as plantas crescem com mais vigor e força.

Dando-lhe este alimento, a planta recebe com fartura o azoto, porque a terra contém muito pouco dessa substancia, que é o que mais alimenta a planta.

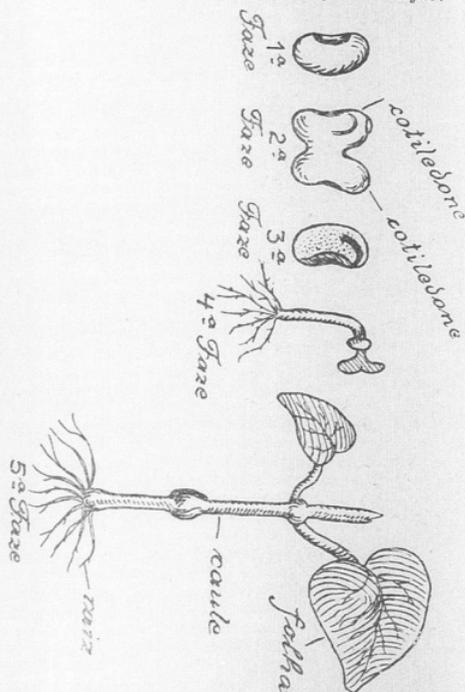
O adubo faz também a terra ficar sempre úmida.

Observação — Livro consultado: "João Pergunta", de Newton Craveiro.

Belo-Horizonte, 25 de outubro de 1932.

Antonietta Arnoni.

Aplicação da aula sobre a germinação. Os desenhos foram feitos acompanhando a germinação do feijão.



Ludendorff Pinto da Cunha.

Diversas fases

1.ª) A semente do feijão.

2.ª) Depois de uns dias de plantado, com as duas partes separadas, cada uma das quais é um cotiledone. No cotiledone da esquerda, está a plantazinha que existe dentro da semente.

3.ª) A plantazinha do cotiledone entrando na terra.

4.ª) A raiz dentro da terra e as folhinhas apontando na superfície da terra.

5.ª) O pé de feijão, já enraizado, com caule e folhas. Belo-Horizonte, 18 de outubro de 1932.

Julia do Carmo Pereira.

O que aprendemos com o trabalho da sargêta

O que é que vocês empregaram para ligar os tijolos da sargêta?

Empregamos o rebôco.

Que é rebôco?

É uma mistura de cal, areia e água.

Onde se encontra a cal?

Na terra e em certas montanhas.

O que é a cal?

São pedras calcáreas que, depois de queimadas em fornos, são reduzidas a um pó branco.

Como se chama o lugar onde se transforma a cal das pedras calcáreas?

Chama-se calcieiras ou fábrica de cal.

O que é areia?

É uma substancia mineral que se encontra no leito dos rios e nas praias dos mares e dos rios.

De que cobriram a sargêta?

Ela foi coberta de cimento.

O que é o cimento?

O cimento é um composto de cal, areia e argila — ou de barro ou outra substancia que sirva para ligar.

Como se obtém o cimento?

As misturas de que êle se compõe são queimadas em fornos do mesmo modo com que se faz para a fabricação de cal, reduzindo-as em um pó cinzento.

O melhor cimento é Portland Inglez, composto de giz e areia do rio Tamisa, na Inglaterra.

O cimento Portland francês, ainda é melhor. É composto de giz e calcáreas, fabricado em Boulogne, cidade da França.

Como é feito o tijolo?

É feito de barro muito amassado, posto em fôrmas; retangulares, seco ao sol e cozido num forno próprio.

Belo-Horizonte, 4 de novembro de 1932.

DAQUI E DALI

Educação dinâmica

(Palestra realizada no dia 17 de outubro de 1933, no Colégio "Sagrado Coração de Jesus", a convite da Associação dos Educadores Aragua-
ríns).

Disse alhures Enrico Ferri que o bom operário fala naturalmente da sua obra. Tal assertiva justifica o meu assentimento nos desejos do nobre educador presidente da A. E. A., de que eu fizesse uma palestra destinada aos membros desta benemerita corporação. Não que me julgue bom operário, mas justamente porque me julgue mau operário, é que tenho todo o interesse em chamar novos artefices que, miendo os ombros robustos à obra, consigam clevar-lhe o porle, dando-lhe amplitude e sobretudo conformando-lhe esteticamente a massa.

Para tema desta breve digressão, que espero motivada pelo vosso interesse profissional, e só por isso me garantindo a constancia de vossa atenção, escolhi *Educação dinâmica* — de vez que sob tal rótulo se agasalha quanto diz respeito ao momento pedagógico que atravessamos.

PORQUE EDUCAÇÃO DINÂMICA ?

Qualifiquei de dinâmica a educação atual, pensando que articulava grande novidade. Engano. Pouco depois fui encontrar em Claparède a mesma expressão, equivalente à educação ativa, educação vitalista, educação funcional. Tais qualificativos definem, por si sós, o que é modernamente a educação, ou seja atividade, movimento, impulso, vida, numa palavra, contrapostos a passividade, inércia, quietação, modorra, da educação antiga. Como sabemos, a pedagogia, ciência e arte da educação, informando-se, dependendo mesmo da fixação da natureza e da finalidade do homem, sobre o qual se exerce, não pode fugir à influência da filosofia, à qual estão afetas tais questões.

Dal, variarem sempre as normas da pedagogia, segundo a psicologia que se tem por melhor é a escolástica, a racional, a estrutural, a genética ou a psicanalítica. É verdade que, durante largo período histórico, a educação se processou quasi inteiramente à margem de quaisquer doutrinas propriamente científicas, sendo apenas um trabalho de rotina e

de conservantismo. Depois, sobre as suas formas e realizações foi influenciando a ciência, e no século XVI vamos encontrar os primeiros sintomas de seu consórcio com a psicologia, que viria, mais tarde, nortear-lhe o rumo e basear-lhe as teorias. Dessa aproximação se fazem arautos Rabelais e Montaigne, e, pouco depois, Locke, seguido de Herbart e de Rousseau.

Modernamente é William James quem abre novos horizontes à psicologia, situando-a no campo científico como disciplina natural, asseverando que "a atividade mental é uma função da atividade cerebral, a ela constantemente relativa, como o efeito à sua causa". (1)

Para concepção funcional, esta, que ganha fóros de cidade no meio científico. E. James, que demonstrou sempre preocupação pela aplicação à pedagogia das leis psicológicas, escreve as "Causas pedagógicas", em que apresenta a criança como um organismo atuante, concebido no qual se seguiu o de que toda a nossa atividade tem um caráter pragmático, isto é, tem um interesse qualquer, e esse interesse é sintoma de necessidades que pedem satisfação.

Finalmente, John Dewey, da sua cadeira da Universidade de Chicago, forma uma verdadeira escola pragmática em filosofia e, por consequência, em psicologia. É justamente essa escola a que orienta modernamente a educação, muito embora a acusação, que sobre ela pesa, de haver materializado a educação, sacrificando o espírito e a inteligência a um manualismo exagerado. Como quer que seja, porém, o que o título da presente perlanga comporta não é a verificação das credenciais com que a psicologia funcional se propõe dirigir a obra educativa, e sim, o balanço das influências reais que está exercendo e merecê das quais a vida escolar contemporânea se renovou de alto a baixo.

LEI DA AUTONOMIA FUNCIONAL

Contestando a legitimidade de certas teorias biológicas, uma das quais conceitua a criança como uma miniatura do homem, — homunculo — outra, que afirma ser o cérebro da criança uma tabua rasa, a psicologia funcional acerta que a criança não é isto nem aquilo, e sim, que é um ser distinto, autônomo, inconfundível e, como tal, deve ser tratado. Para os que a consideram homem em miniatura, é claro que a função da educação será dar crescimento mental a esse ente embrionário para que ele se transforme em homem o mais depressa possível. Incoerente, ilógica, cega à realidade, essa e-

(1) Précis de Psychologie, trad. de E. Baudin, pag. 7.

cola não percebeu que pretendia um conteúdo maior que o continente, porque queria antecipar no indivíduo as formas de pensar e de agir do adulto, sem todavia se preocupar de lhe antecipar também a estatura de adulto, porque esbarrava nesse terreno diante de uma incoercível impossibilidade biológica.

Já para os que consideravam a criança tabua rasa, livro em branco, toda a preocupação educativa se cifrava em encher esse vácuo, em escrever nesses livros; e, daí, o ensino livre, apelando apenas para a memória, despejando de fora para dentro um sem número de fatos, pois que a relação entre o recipiente e o material com que se o enche é uma simples relação numérica. Já para os que aceitam a idéia de autonomia funcional da criança, a educação é simplesmente uma forma de vida adaptada às condições peculiares dela. Sabemos de sobra quanto foi e está sendo fecunda, sob o ponto de vista educativo, essa grande lei de autonomia funcional. E' ela, efetivamente, que inspira e justifica uma mudança quasi radical nos procedimentos educativos.

Porque, se a educação é uma vida, e se a vida é o comércio social — um sistema completo de relações de toda ordem — a escola tinha desde logo de se transformar, de simples lugar de aprendizado que era, em uma sociedade em miniatura, na expressão de Dewey.

E agora vamos abordar o ponto nevrálgico da questão. Pergunta-se, com mal disfarçada ironia, que papel se reserva na escola nova à formação intelectual da criança; se a sua preocupação máxima é social; se ela quer apenas permitir à criança que *viva*, e a vida não é, naturalmente, um programa de geografia, história, linguas e matemáticas?

Mas o test não embaraça a escola funcional. Ela responde simplesmente isso: a vida é, para todos, uma série de problemas. Viver é defrontar situações, é, portanto, adaptar a conduta, adequar procedimentos para enfrentar as situações e se sair bem delas. Ninguém age desinteressadamente. A atividade é sempre fruto de uma necessidade, seja essa necessidade de ordem interior ou exterior. E assim como, na ordem fisiológica, a fome é o sintoma da necessidade de alimentação, na ordem psicológica pura o interesse é o sintoma da necessidade do conhecimento. Daí, uma regra para a atividade didática: uma informação, um conhecimento, só são efetivamente assimilados quando encontram uma predisposição mental, quando correspondem a uma necessidade, quer decorrente das próprias condições íntimas do indivíduo, quer criada pela excitação de um elemento exterior qualquer.

Os programas não serão abandonados pela educação funcional; serão apenas situados convenientemente entre os recursos educativos, que não são exclusivamente intelectuais. Eles existirão mas não serão organizados do ponto de vista das questões que interessam ao adulto e, sim, segundo a linha dos interesses infantis, que eles devem satisfazer. Só esses interesses gerais podem condicionar a organização do programa. Mas, como esses interesses gerais sofrem, às vezes, e não raras, verdadeiros hiatos, desde que interesses momentâneos produzidos por excitações exteriores vêm se incrustar entre eles e sombreá-los, o programa elaborado em se modificar ou, pelo menos, de receber no seu bôjo as questões destinadas à satisfação desses interesses momentâneos. Didaticamente, portanto, temos aí duas consequências importantes dos postulados psicológicos: a flexibilidade dos programas e, como colorário, a maleabilidade dos horários, dentro dos quais aqueles se desdobram.

Quanto ao processo do aprendizado, as consequências dos princípios atrás anunciados são também de notável relevância: não há aprendizado verdadeiro senão quando ha atividade da parte de quem aprende, sinão quando ha a identificação do indivíduo com um fim qualquer, em busca do qual êle distende toda a personalidade, pondo-a em vibração na direção desse fim. Todavia, como *educar* não é *desenvolver intelectualmente*, mas *desenvolver integralmente*, a criança tem liberdade de realizar para se realizar, e, portanto, em função desse fim a atingir pôde dispender atividade intelectual, física e social.

Damos um exemplo, que melhor esclareça o fato.

A criança, por força da sua autonomia funcional, da sua personalidade "sui-generis", interessou-se, momentaneamente, pelo Caramurú. O que é para nós um fato histórico, jocoso, tem para ela uma significação muito mais elevada. Condiz perfeitamente com a sua fantasia, com a sua insaciada de emoções novas, com a sua sede de aventuras.

Lê a narrativa, e quer comentá-la. Mas não se satisfaz só com isso. Quer mais. Na sua grande riqueza de sonhos e fantasias, a que corresponde uma igual pobreza de fatos, ela quer viver êsse episódio, personificar o herói, experimentar aquela grande sensação de poder que dominou Diogo Alvares, e deseja dramatizar a história.

Estuda, para isso, o fato e o ambiente em que êle se passou.

Escolhe os seus parceiros e distribue-lhes os papeis. Resta agora caracterizá-los. Os meninos são claros; os índios

eram bronzeados. Estes vestiam-se de penas, aqueles cobriam-se de tecidos. O indígena, alerta contra os perigos circunstantes, munia-se de armas toscas; os meninos, vivendo em sociedade policiada, não necessitam de armas. Os alunos estão dentro da escola, e esta não tem a menor semelhança com uma taba. Urge, pois, construí-la. E assim, para se efetuar a representação, um intenso trabalho intelectual se processa, porque urge conhecer todas as circunstâncias do fato, e elas só podem ser descritas nos livros ou pela palavra do mestre.

Resolvidas, no terreno intelectual, aquelas questões, urge agora a ação material. Onde descobrir uma tinta cor de cobre? Si não existe, é preciso fazê-la. Onde agora as penas para as tangas e cocães? Encontradas estas, como se destacará o cacique, si a sua plumagem fôr igual à dos demais guerreiros? Indaga-se, depois, si Diogo Alvares se vestirá como nós outros. Claro que não. Ha-de, pois, confeccionar-se-lhe a indumentária século XVI e arranjar-lhe o mosquele.

Mas o mosquele não existe mais, nem pode ser substituído por uma arma moderna, que dela difere muito. Tem de ser fabricado. Vamos agora edificar a taba. Buscar madeiras, embiras de sapé. Larga cópia, enfim, de trabalhos manuais. Por último, a representação. Resultado: o aprendizado do fato histórico. Dir-se-á, talvez, que um trabalho assim levará uma semana, ao passo que, pelos velhos processos, a mesma aprendizagem se faria em breves 10 minutos. O professor contaria o fato, e os alunos o repetiriam. Sim, mas o aprenderiam pela rama, para dar a lição, quando muito para passar no exame. E o exame marcava mesmo, na escola antiga, o limite da utilidade de uma noção qualquer.

Os conhecimentos eram uma espécie de canoa benta. Serviam para atravessar o exame, que era o rio situado entre um e outro grau do curso. Passado o rio, a canoa era abandonada à corrente, para vogar ao léu, encalhar em alguma rasura, apodrecer e se desconjuntar.

Agora, a coisa é diferente. O conhecimento se obtve porque havia entre o aluno e ele uma relação de conveniência; abriu-se dentro do escolar um lugar que lhe era especialmente destinado, que só ele poderia preencher. Ele ficou, portanto, incrustado, integrado na memória, porque as garras da emoção o fixaram ali...

Cabe agora um breve parêntesis para dirigir uma palavra aos que maisnam de utilitarista e de manualista a escola nova, e que não estabeleceram ainda uma distinção, que é capital, entre *fim* e *meio*. Porque e para que enfiámos

um trabalho manual, num ponto de História do Brasil? Por amor desse trabalho manual, ou por amor da História do Brasil? Claro que por esta. O fim imediato da escola era o conhecimento do fato histórico. E o trabalho entrou aí apenas como um elemento de fixação, embora não seja desprezível como propriamente dito, porque a previdente natureza não fabrica coisas inúteis, e se nos deu mãos, tão bem como nos deu cérebro, é que elas tinham sua razão de ser, e têm tanta importância como o cérebro, cada qual no domínio das suas funções...

O fato histórico foi, pois, vivido. Tirámo-lo do estalisco do livro, onde foi amortalhado, para dinamizá-lo com os lances e as cores próprias com que se manifestou.

Assim, todo o programa e toda a vida escolar se impregnaram de vitalismo. Tudo nela é movimento, como que um sistema de molas acionando o maquinismo mental.

Si consideramos o ensino da ciências naturais, vemos-lo também influido desses salubres princípios. Não ligamos hoje sinão uma importância muito secundária às classificações científicas. Si estudamos animais, não nos interessa saber si são desdentados, palmípedes, insetos, répteis. Mas queremos saber, isso sim, porque é que o são, e em que isso influe na sua vida. A classificação era o trabalho do museu. Analisando esqueletos, garras, dentes, os naturalistas fabricaram uma natureza morta e fizeram do museu o grande necrotério onde, paradoxalmente, se ia estudar a vida nas formas imóveis e rígidas da morte.

Pergunto agora si o conceito vitalista restringiu ou dilatou o campo da ciência. Parece-me que o alargou. Sim Porque, si hoje estudamos a terra, por exemplo, não paramos diante da afirmativa de que ela passou por tais e tais períodos geológicos. Nós cogitamos logo de saber porque e como. A terra é natureza, e a natureza não se compadece com a idéia da morte; ela é permanentemente viva. Ela transforma tudo, não extingue um átomo. Portanto, estudando a terra, nós cogitamos de suas mutações, de seus progressos, da história da sua vida, consequentemente. Estudando um animal, indagamos porque tem esta e não aquela conformação, porque se alimenta disto e não daquilo, qual o seu meio ambiente, que influências sofre deste meio, como reage a tais influências.

Com a planta procedemos de igual maneira.

Si passamos a geografia, igual revolução se nos depára. Queremos saber não apenas os nomes, a posição dos acidentes. Mas queremos conhecer em que é que eles in-

fluem na vida vegetal e animal, que formas de vida condicionam, que modificações impuzeram e impõem ao comportamento humano para se compatibilizar com as condições de vida que elles permitam.

Si se cogita de instrução moral, também não nos dispomos a perder tempo fazendo memorizar belas fórmulas que nunca tiveram, como pensa muita gente bóa, o condão de modificar a conduta de ninguém.

A's fórmulas bonitas, porém vãs, opomos formas de ação, e cuidamos, de que os princípios, contidos em fórmulas, sejam praticados nas relações entre os membros da sociedade escolar. Para isso favoreceremos os trabalhos feitos pela classe em conjunto, ou por grupos, de maneira que os pequeninos intercambiem idéias, experiências, sentimentos, e assim aprendam mutuamente a se valorizar e a compreender que o homem necessita de seu semelhante, depende d'ele e nada pode realizar sem o seu concurso. Buscamos associá-los e fazer que dirijam suas associações, treinando-os destarte para o governo de si mesmos, dando ensanchas a que se formem espiritos criadores, com iniciativa, espirito de grupo, hábitos de disciplina, qualidades de comando. Si eles vão amanhã ser elementos dinâmicos na sociedade, importa que o sejam desde já na sua pequena comunidade, porque — é bom não esquecer — a "personalidade é um feixe de hábitos" e não um catálogo de normas de ação.

Assim em tudo o mais, Vitalizou-se tudo. Movimentou-se tudo. E si no mundo fisico é o movimento que condiciona a sustentabilidade das massas das esferas incontáveis que rolam vertiginosamente pelas incognoscíveis extensões do infinito, também na vida vegetal e animal é o movimento que a caracteriza a vitalidade e mantém o equilibrio. Morrer é justamente cessar esse movimento, uma forma suprema da ruptura d'esse equilibrio.

Parece, pois, que entre a educação funcional, dinâmica e a educação passiva de outróra, não ha escólia.

Eis como João de Barros, num livro de ouro para professores, — "Educação Republicana" (1) — descreve uma das velhas escolas — basilhas:

"A mesma repugnancia do aluno pelo que aprende tem o professor pelo que ensina. Creio até que a sua reputancia deriva muito da sua severidade excessiva, da sua brutalidade inexplicável perante crianças que só não amam o estudo porque não procuram fazer-lho amar. A verda-

(1) A Educação Optimista — pag. 162.

de é que, dentro das velhas mas tão vivazes ainda — normas educativas — ninguém está á vontade, nas aulas. Ha a sensação duma situação falsa e pouco estável. Daí a pesada e sufocadora tristeza da escola: — tanto nos mestres como nos discipulos se adivinha o desejo de sair dela o mais depressa possível, de se evadirem daquela atmosfera de masmorra, e o aborrecimento, o profundo tédio de não poder fazê-lo. Parece que lá dentro a vida se quêda, suspensa: — e sempre que o aluno fale, sempre que o aluno interrompa a lição com uma gargalhada, com uma conversa, com um movimento mais ruidoso, qual será o homem inteligente, e desembaraçado de preconceitos autoritários, que possa accusá-lo e censurá-lo com justiça?"

O grande e dinámico Goethe é assallado por estes amargos pensamentos, quando, sob a máscara de Werther, passeando pelo campo, vê o edificio escolar onde fez seus primeiros estudos: (2) — "reparei que a escola onde uma bóa velhota trancára a nossa infância, si transformára numa venda. Lembrei-me da inquietação, dos desgostos, da angustia que sofrêra nêsse buraco . . .

E eis como, desabridamente, á velha educação se refere o irreverente Piigriili: (3)

"A educação, quando dá resultado, crêa seres mediocres: a educação é extase, imobilidade; como valor formativo, como valor plástico, é a negação do processo. Educar o nosso filho significa modelar a sua consciéncia e a sua intelligéncia de modo a fazê-lo um exemplar idéntico a nós, isto é, impedir a transformação, o renovamento, o progresso..." Ai está, vêdes, formalmente condenada, justamente pelo seu alheiamento da vida, a velha educação.

E quem assim a malsina não são pedagogistas. São apenas homens de bom senso. Diz o primeiro que na velha escola a vida *quedava suspensa*, o 2.º, que naquela escola fóra *trancada* a sua infância, o terceiro que a educação *impedia a transformação, o renovamento e o progresso*. E o que quer a educação nova, dinâmica, funcional, vitalista, diz-nos o primeiro dos princípios estabelecidos pela Liga Internacional de Educação Nova, de Genebra: "O fim essencial de toda educação é preparar a criança para querer e realizar em sua vida a supremacia do espirito. Aquela deve, pois, — qualquer que seja o ponto de vista do educador — aspirar a conservar e *aumentar* a energia espiritual da criança".

(2) Werther — pag. 102 (trad.).

(3) A virgem de 18 quilates (trad.), pag. 112.

Em resumo, senhores, estamos todos trabalhando para obedecer à lei do progresso, que C. Flamarión assim enuncia (1): "La nature est un perpetuel devenir. Le Progrès est la loi. La progression est éternelle". E para essa obra de obediência, creio que a melhor orientação é a que nos dá J. Lombardo — Radice (2): "Façamos hoje o melhor; mas, que esse *peior* seja melhor que o melhor que fizemos ontem..."

Meus amigos: Victor Hugo nos presta uma informação que ele diz pouco sabida: a que de o auditorio odeia o orador. Si é essa a regra geral, não escapais a ela, e eu sou forçado a confessar que ao certo nenhum auditorio teve mais razão do que este para tal ódio.

Mas perdoai. A esterilidade, como tudo na terra, é muito relativa. O nosso indígena, prodigiosamente exato nas suas qualificações, denomina "caatinga", ou mato ruim, a vegetação enfezada dos chapadões semi-calcinados do nordeste. Mato ruim é ele, em verdade. Nenhuma madeira de construção, nenhuma fibra textil, nenhum fruto. Mas tem também benéficas funções: a de reter nas suas fibras ressequidas umas gotas de seiva; a de decompor nas suas folhas o ar interno, e de influir, ainda que paupérrimamente, no regime pluvial. E o que é mais, as inúteis fôlhas que caem hão de apodrecer e se fazer humus . . . Pois que as minhas palavras, rústicas como estas folhas desprezadas, sirvam também para, caindo nos vossos corações, ser o humus que vos fecunde de desejos para realizardes o que eu não pude, menos pela vocação do que pela pobreza de instrumentos.

ABEL FAGUNDES,
assistente técnico de ensino.

Resumo da dissertação feita pela professora substituta, Maria Leonor Pereira

"Árvore, do latim *arbor*, é qualquer grande e lenhoso vegetal, sempre maior que o arbusto, tendo caule simples inferiormente e ramificando-se depois de certa altura. De ordinário o limite de sua vida não pôde ser determinado; como exemplos, temos mangueiras, jaqueiras, etc. Conhe-

(1) Uranie — (Le testament scientifique de George Spéro) — pag. 364.

(2) Líneas generales de la filosofía de la educación, pag. . .

cem-se inúmeras de muitos séculos de existência! São as chamadas colossos vegetais ou gigantes vegetais.

Ha certos vegetais curiosíssimos por sua configuração e desenvolvimento.

A história nos fornece documentos importantes que demonstram que, nos tempos em que viveram no apogeu da grandeza os povos da Asia e Africa, bem como depois dos gregos e romanos, e até hoje ainda, para diversos povos, as árvores, principalmente suas flores, ocuparam e ocupam lugar muito distinto, seja nos festins de alegria, seja nos de luto. De trabalhos especiais, como o do grande holandico historiador sr. Zefrève, se vê que os templos, principalmente na idade do ouro, eram rodeados de bosques e jardins consagrados aos deuses; e bem assim os lugares onde se ensinavam ou discutiam Ciências ou Artes; a academia e o liceu na Grécia foram belos exemplos disso.

Muitos escritores, filósofos e sábios que na arêna das ciências e letras ofuseavam pelo brilho da intelligência; muitos reis, príncipes, heróis e semi-deuses também consagravam longas horas ás plantações de jardins e bosques. Laerte, o velho rei de Itaca, foi encontrado por seu filho Ulisses a cultivar a terra e a semear-la.

Do sábio Salomão cita-se o seguinte: "Eu fiz meus jardins, plantei toda a sorte de árvores frutíferas, fiz reservatórios de água para regar o parque plantado de árvores". Graças aos reis e príncipes da Siria, que combinaram o gosto helênico com o oriental, o jardim de Sciência foi um bello modelo.

A Babilonia, suntuosa sempre em tudo, ofereceu como uma das maravilhas do mundo seus jardins suspensos, floridos anfiteatros, concepção brilhante do cérebro de Semiramis.

A China, que naquelas éras ocupava a vanguarda nas ciências, letras e artes, primou no gosto pelos jardins.

Na Grecia, apesar da má qualidade dos terrenos, em geral, por toda a parte se encontravam jardins, ornados de belas árvores.

De Roma assim diz Zefrève: "Avida de Roma, vida pública e agitada, exigia um esforço perpétuo e uma vida de convenção. Não é de admirar que, a conquista do mundo terminada, esses generais, esses oradores se achassem os mais fatigados dos homens, os mais sequeiros da sombra das árvores e do repouso". Os autores, todos sem exceção, lembram que a Biblia Santa fala de muitas espécies de plantas uteis entre os hebreus e israelitas.

Já ha 2.200 antes de Christo, Yú fez com que o povo soubesse cultivar os terrenos, de que se tinha apoderado por conquistas, no deserto.

A arte sagrada egípcia, como é sabido, tinha por fim descobrir entre as diversas árvores uma substância que fosse capaz de curar todas as moléstias e de fazer com que se não morresse. Portanto, todas as plantas que tinham sucos amarellos, ou flôres da mesma cor, representavam naquella época o emblema do ouro.

No nosso país, sabemos perfeitamente da influencia que o pau cor de brasa teve sobre o nome de terra de Santa Cruz.

O lenho acompanha o homem desde o seu nascimento até a sua última morada: Ao nascer, o homem, de um modo geral, é recebido em um berço quasi sempre de madeira e, ao morrer, é repousado em um leito de madeira.

A influencia que as árvores exercem sobre a saúde, não ha necessidade de realçar, porque é toda conhecida. As árvores, como por exemplo o *eucalipto*, têm a função saneadora, pois não só secam os terrenos onde são plantadas, como também purificam, tornando estas terras impróprias para o desenvolvimento de micróbios patogênicos. As árvores purificam também o ar atmosférico, pois o sobrecarregam de oxigênio, que após as grandes trovoadas se torna eletrizado, recebendo então o nome de *Ozone* e neste estado o oxigênio destroi focos de micróbios, não só em suspensão no ar, como também localizado na superfície da terra. As árvores são como verdadeiros laboratórios, onde as mais delicadas reações são executadas, em beneficio geralmente do homem. Além das inúmeras frutas em que se encontram os mais diversos ácidos e bases, dando os mais variados paladares, as árvores nos fornecem muitos colorantes, fibras de diversas qualidades, e a sua seiva em geral é utilizada desta ou daquela forma na vida quotidiana.

A medicina ou, melhor, a terapêutica médica, tira 60 % de seus elementos nas árvores, onde ela encontra sempre um campo vasto para o estudo. A indústria pôde dizer-se que tem como base o vegetal, pois 90 % do seu material é tirado das árvores.

Podíamos enumerar outros exemplos, porém estes, pelo seu valor, bastam para materializar o interêsse que todos nós devemos ter para com as árvores.

Esta solenidade tem, portanto, um duplo valor. Valor material, porque incita ao trabalho de cultivar as plantações; valor moral, porque impõe ao homem a conservação das

nossas florestas, e, portanto a grandeza do nosso querido Brasil".

S. João Nepomuceno, 21-IX-933.
MARIA LEONOR PEREIRA.

Visita domiciliar

RAUL DE ALMEIDA COSTA

(Dedicado a Levindo Furquim Lambert)

Escrevendo, ha dias, sobre a Eufrenia que constitue, como dissemos, mais uma benemérita iniciativa e realização da Liga Brasileira de Higiene Mental, assinalámos a identidade da sua influencia modificadora das anomalias psiquicas e dos desvios da conduta social da criança, com a finalidade educativa da escola primária.

Quem se detiver na apreciação do grande alcance daquela clinica e considerar a complexidade de exames e pesquisas em que se baseiam ou seus diagnósticos, verificará a sua inestimável utilidade, mas lamentará a inviabilidade da sua disseminação pelos diversos centros educativos do país.

Mas, se ao lado de cada escola é impossível o emprêgo científico dos recursos eufrenizantes, alguma coisa podemos fazer, pela boa cerebração dos nossos alunos, realizando, ainda que de modo rudimentar e empírico, sem perigo da coima de charlatanismo, a primeira etapa dos processos da Eufrenia.

Porque, como essa não consiste apenas no exame clinico, na psicometria e na terapêutica neuro-pediátrica, a escola não compete apenas receber alunos para educá-los, instruí-los, estabelecendo de pronto a tão debatida orientação disciplinar, sinão também procurar, na vida doméstica dos mesmos, conhecimentos e sugestões, úteis ao critério e acerto da ação educacional.

Referimo-nos a uma atividade salutaríssima, a qual, sobre evidenciar a dedicação do professor, realçando-lhe, pois, um dos mais belos atributos, torna mais eficiente e extensa a influencia construtiva da escola. E essa, que, segundo a fórmula de um postulado ideal, deve ser a continuação do lar, pôde, reciprocamente, irradiar sobre o meio familiar do aluno os princípios que norteiam a sua própria educação. A visita domiciliar, cujas vantagens queremos focalizar, já é felizmente um uso em voga, mas cuja generalização se im-

põe, com a impressão de um caráter sistematizado e racional.

A administração pública, cuja preocupação dominante tem sido a de dotar o Estado de um aparelhamento escolar à altura das nossas tradições e do nosso progresso, talvez lhe não possa gizar os delineamentos pedagógicos e torná-la obrigatória.

Por isso mesmo a sua prática, facultativa, tem a sedução, a doçura dos movimentos espontâneos e bons, sendo, para os que a ela se abalancam, penhor de uma consciência alegre e de conforto do coração.

Aos alunos da sua classe manifesta o professor o desejo de conhecer-lhes os pais, a casa que habitam, predispondo a visita de modo que atinja os seus objetivos.

E variados cenários da vida doméstica — ora um palacete confortável e alegre, ora uma estalagem sombria e pobre — desdobram-se ante os olhos percrustadores do professor.

As suas maneiras amáveis insinuam-no logo á simpatia e confiança de quem se dispõe a conhecer também o preceptor do seu filho.

E ao professor, manifestando êsse, com habilidade, o fim da sua visita, lhe não será difícil conhecer da criança vários informes — as suas condições de saúde e tendências, as predileções, as habilidades.

Relativamente às crianças de manifesta higidez física e mental não é preciso, já se vê, muitas interrogações.

Encontram-se porém, e não raro, os pequenos deficientes, portadores de taras e d'equilíbrios negativas, por influência mesológica, ás quais é mister contrapor o corretivo que as anule ou atenue.

Pelo histórico dos antecedentes domésticos, o professor conhecerá, de antemão, o aluno pugnaz, de quem ha de receber turbulências e agressões; o cleptomaniaco, de quem é licito esperar, sem surpresa, a posse indébita de objéto dos seus colegas; o maldoso habitual, que, para divertir-se, não perde ocasião de fazer mal aos companheiros e aos animais; o taciturno, o mentiroso e o fujão, de que eram tão férteis os tempos da escola antiga.

Outros tipos de personalidade se prenunciarão, e o seu conhecimento, antecipado ao convívio escolar, é, por motivos óbvios, conveniente á atitude, á orientação do educador e ao bom êxito da educação.

Seria útil que correspondesse uma ficha a cada caso, com menção da religião que professam os responsáveis, as suas condições económicas, domiciliarias, as transgressões,

que nessas últimas se observam, dos rudimentares preceitos de hygiene e, por fim, peculiaridades do aluno, a que se juntariam incidentes assinaláveis da sua vida escolar.

Quando tudo isso nada aproveitasse, nem mesmo como elemento preliminar da exatidão dos testes psicométricos ou como subsídios complementares de homogeneização de classes, sob o aspecto social é indiscutível a vanlagem da visita domiliar.

Com o conhecimento e a aproximação do professor, os pais se tranquilizam quanto aos cuidados que, na escola, se farão sentir em tôrno dos seus filhos.

As maneiras delicadas e solícitas daquele, que tão bem os impressionára, ser-lhe-ão a garantia de que, na comunidade escolar, está amparada a felicidade dos seus filhos, colocados, dessarte, a cavaleiro de choques emocionais, com seqüentes á brusca e sensível transição do lar.

Sob êsses auspícios, estreitam-se, sem dúvida, os vinculos da escola e da sociedade, acentúa-se a colaboração dessa, e tal circunstância ainda influirá, de modo benéfico, na escolaridade do aluno.

O professor, conhecendo dêsse a vida doméstica, onde reina, por vezes, a pobreza, no lado da ternura com que os pais acompanham os passos dos seus entes queridos, cujas mágoas lhes causam angústias, se inspirará de certo nas razões superiores dêsse amor sublime.

E, sob essa inspiração fecunda, a sua tarefa será mais fácil, de efeito maior, por que se transfundiu, na sua alma enternecida, aquela exuberância de zelo e de carinho que deve aquecer e iluminar, como um facho crepitante de luz, o vestibulo da escola...

Uma crise de ensino

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

(Copyright do ESTADO DE MINAS)

Quando se pensa na crise económica, que pesou sobre os Estados-Unidos nos últimos dois anos e de que êles estão procurando levantar-se, o que primeiro acode á imaginação é o que se relaciona com o comércio e a indústria.

Um articulista da "New-York Herald Tribune" descreveu, porém, como essa crise se refletiu, de um modo terrível, na educação.

Para citar apenas um número, basta dizer que, no conjunto do país, as despesas com a instrução sofreram uma redução de 226 milhões de dólares: uma bagatela de quasi três milhões de contos de réis, em nossa moeda.

De ano para ano, com o aumento normal, quer das necessidades do ensino, quer do acréscimo da população, há um aumento médio de 10.000 professores. No ano passado, o que se deu, porém, foi uma redução de 15.000. Praticamente, portanto, é como se tivesse havido uma diminuição de 25.000.

Houve episódios curiosos.

Uma escola normal do estado norte-americano de New Mexico, cuja educação era gratuita, passou a dá-la mediante a remuneração mensal de 16 dólares. Mas esses mesmos os alunos não podiam pagar em dinheiro.

E o dia do recebimento das mensalidades era pitoresco, porque devavam novilhos, cabras, galinhas, perús, feijões, milho, carvão, lenha... Havia na escola uma tarifa por cujos valores eram creditados.

Em outra escola de New-England a cousa se resolveu diferentemente, porque precisamente os pais nem sempre estavam de acordo com o valor que era atribuído ao que enviavam.

Diante disso, ficou resolvido que se faria, uma vez por semana, uma feira especial no pátio da escola. Só os pais tinham acesso a ela e aí podiam vender o que desejassem, pelo preço que pudessem obter. Extranhos, para ajudá-los, vinham aí, mas fazer suas compras.

Foi, talvez, a solução mais inteligente.

Uma escola rural tinha os seus alunos espalhados por uma área muito extensa. Era indispensável um ônibus que os fosse buscar, que os fosse, por assim dizer, catar e recutar de porta em porta.

O proprietário do ônibus escreveu ao prefeito, que não tinha dúvida em emprestar gratuitamente o carro e dar o seu trabalho, mas queria que lhe dessem gasolina e lembrava-lhe que não podia obter a crédito, porque a escola ainda estava devendo toda a que consumira no ano anterior!

Ha, como estes, vários outros pequenos fatos instrutivos, que mostram como a crise afetou profundamente a instrução.

E é forçoso convir que da instrução os norte-americanos se mostram justamente vaidosos. Há pouco povos no mundo que lhe prestem tanta atenção e estejam continuamente procurando aperfeiçoá-la.

Se alguma cousa fazem como ela é um pouco de bluff, um pouco de desperdício, exatamente por esse desejo de a ter sempre em grande progresso.

Não raro se atiram a inovações muito pouco estudadas, só pelo desejo de que ninguém os exceda.

Como eles diferem... isso... de um povo que nós conhecemos!

Instruções e avisos

Instruções para os exames e promoções em dezembro do corrente ano, primeira época, fevereiro de 1934, segunda época, das escolas normais:

O Secretário da Educação e Saúde Pública do Estado de Minas-Gerais, resolve de acordo com o artigo 142 do Regulamento, expedir as seguintes instruções para os exames e promoções das escolas normais do Estado.

I

Obrigações do fiscal

Artigo 1.º — Cumpre ao fiscal: 1.º) Comparecer ao estabelecimento três dias antes do encerramento das aulas e colher informações seguras, mediante observação direta e exame do arquivo, sobre o funcionamento do mesmo, durante o ano, principalmente se cumpriram as exigências do Título II, Capítulo I, II, III; Título III, Capítulo, I, artigo 83, menos o parágrafo 5.º, do regulamento aprovado pelo dec. n. 9.450, de 1930.

2.º) observar, cuidadosamente, as cadernetas de aulas dos professores, verificando o número de aulas dadas e confrontando-as com a lista geral de frequência;

3.º) verificar se os artigos 68, 74, 76, 77, 79, 82, 83, 84, 95, 97, 111, 110, 111 e 120, do decreto número 10.362, de 3 de maio de 1932, e mais os artigos 96, 133, 154, 158, 280, 283, 284 e 285 do regulamen-

to aprovado pelo decreto número 9.450, de 18 de fevereiro de 1930, foram observados;

4.º) verificar se todos os alunos têm os seus papéis em ordem e se foram apresentados todos os documentos exigidos pelo regulamento, bem como se os mesmos estão devidamente selados;

5.º) verificar se o número de aulas dadas corresponde ao determinado, pelo horário oficial;

6.º) verificar se a escrituração está em dia e é bem feita;

7.º) confrontar as médias finais com as médias constantes das cadernetas, verificando a sua exatidão;

8.º) conferir os termos de promoção e não promoção dos alunos antes de visá-los, vetando, *ad referendum* da Secretaria da Educação, as promoções julgadas irregulares ou injustas, dando do fato imediato conhecimento à Secretaria com as razões em que se basear o veto;

9.º) visar todos os papéis e documentos de exames e promoções, cadernetas de aulas dos professores, cadernetas e diplomas dos alunos;

10.) assistir a fiscalizar todos os exames efetuados, bem como a arguição das monografias de que trata o parágrafo 1.º, do artigo 124, do decreto 10.362;

11.) organizar os quadros sinóticos de acordo com a nota existente nos mesmos, tendo em vista os livros e outros documentos escolares;

12.) apresentar um relatório dentro de quinze (15) dias, após a terminação dos trabalhos de exames e promoções, o qual deverá ser minucioso e conter tudo que for observado e que possa interessar à administração, dando o fiscal sua impressão a respeito do instituto, do pessoal docente, de seu aparelhamento didático, sem pormenores inúteis, seu trabalho e eficiência.

11

Dos trabalhos na primeira época

Artigo 2.º — Os trabalhos na primeira época deverão obedecer à seguinte ordem:

- a) arguição das monografias;
- b) exames de dependência e outros que forem necessários;
- c) promoções;
- d) promoções e exames das classes primárias anexas.

Arguição dos monografias

Artigo 3.º — Os alunos do último ano concluirão o curso por meio de promoção feita de conformidade com o parágrafo 2.º do artigo 5, mas deverão apresentar, no correr do último mês letivo, uma monografia sobre assunto concernente à cadeira de Metodologia, escolhido pelos próprios alunos e submetido à apreciação do professor da cadeira (artigo 124, do decreto 10.362).

§ 1.º — Os alunos serão arguidos sobre a monografia apresentada por uma comissão composta de quatro (4) professores designados pelo diretor, que a presidirá, e com a presença do fiscal. A nota concedida à monografia entrará no cálculo da média anual de metodologia, como se fora uma média mensal (parágrafos 1.º, 2.º e 3.º, do artigo 124, do decreto 10.362).

§ 2.º — A arguição será feita logo depois de encerradas as aulas, antes dos exames e das promoções.

IV

Exames

Artigo 4.º — Deverão ser submetidos a exames os seguintes alunos:

1.º) que estiverem dependendo de uma matéria;

2.º) que estiverem dependendo de mais de uma matéria e tenham autorização desta Secretaria para prestá-los;

3.º) que estiverem matriculados sob a condição de fazer exames antes das promoções do ano em matriculados no 3.º ano, por haverem concluído a 5.ª serie ginasial, e os que, vindos de escolas normais oficiais ou reconhecidas de outros Estados, não se tiverem habilitado, na escola de sua procedência, em uma ou mais disciplinas necessárias, em perfeita adaptação ao regulamento n.º 9.450, de 1930, e ao decreto n.º 10.362, de 1932.

§ 1.º — Ficarão dispensados de prestar exames os alunos constantes dos números 1.º e 2.º que tiverem freqüentado as aulas das matérias de dependência e tiverem freqüência e média legais, cabendo-lhes, neste caso, a promoção regulamentar.

§ 2.º — Esses exames serão promovidos de conformidade com os artigos 90, 91, 92, 93 (menos o final que diz respeito à educação física, cujo exame deverá ser feito de acordo com o artigo 128, do decreto 10.362), 95, 96, 97, 98, 99 e 100, do regulamento.

V

Promoções

Artigo 5.º — No último dia de aula, os professores entregarão ao diretor as suas cadernetas, com a freqüência e com a média anual dos alunos já apuradas, para que possam ser conferidas com as da Secretaria da Escola, freqüência e médias a que se refere que devem figurar no livro número 13, artigo 154, do regulamento.

§ 1.º — Despresat-se-ão as frações no cômputo de freqüência.

§ 2.º — Serão promovidos ao ano imediato os alunos que tiverem freqüência legal, isto é, que tiverem freqüência no mínimo, de três quartas partes das aulas dadas em cada matéria, tiverem, igualmente em cada matéria média regulamentar (cinco) 5, no mínimo, e houverem pago, nas escolas oficiais, as taxas devidas (artigo 122, do decreto n.º 10.362).

§ 3.º — A média e a freqüência em ciências naturais no primeiro ano do curso normal; desenho, trabalhos manuais e modelagem do terceiro ano desse mesmo curso; canto coral do curso de aplicação não influirão na promoção do aluno.

§ 4.º — A promoção em educação física será feita pela freqüência e pela média obtida nos exercícios práticos (artigo 128, do decreto 10.362.)

§ 5.º — Em canto coral, a promoção dos alunos do 1.º ano e do 2.º, será feita de acordo com o estabelecido no parágrafo 2.º luxando no 3.º ano uma prova de execução em conjunto.

Artigo 6.º — Os alunos que alcançarem média cinco (5) ou mais em dois terços, pelo menos, das disciplinas e nas demais tiverem, no mínimo, quatro, serão promovidos se assim o resolverem os professores do respectivo curso, por maioria de votos, depois de verificar o valor do aluno, basando no seu procedimento, aplicação, exercícios práticos e freqüência à biblioteca.

§ 1.º — O valor do aluno, com bases em suas notas e no juízo de todos os professores, a seu respeito, é verificado à vista de seu trabalho no *conjunto* das disciplinas, e não unicamente em uma ou mais disciplinas em que tenha obtido médias inferiores a cinco (5) e cujo procedimento, aplicação, exercícios práticos e freqüência à biblioteca tenham

sido satisfatórios. Isso posto, não se pode dar o caso de serem os alunos promovidos em uma ou mais matérias das que tiverem tido média entre quatro (4) e cinco (5) e não promovidos em outras.

§ 2.º — Conquanto o valor do aluno seja verificado pelo seu trabalho no conjunto das disciplinas, baseando-se aquele no procedimento, aplicação, exercícios práticos e freqüência da biblioteca, pôde acontecer que, nos casos de não promoção, os professores reconhecem que para esse resultado haja influido, mais ou menos decisivamente, o currículo do aluno em uma só ou mais matérias e assim sendo:

a) O aluno não promovido será considerado como tendo perdido o ano, se o *molho da não promoção que deve figurar em ata*, resultar da deficiência de requisitos para tal fim, em mais de duas matérias.

b) A falta de requisitos em uma ou duas matérias obsta a promoção em primeira época, mas abre oportunidade ao aluno de conseguí-la em segunda época mediante exame das referidas matérias.

§ 3.º — Se, na segunda época, os alunos prestarem exames de duas matérias, sendo aprovados em uma e reprovados em outra, poderão matricular-se no ano superior, com dependência da matéria em que não lograram aprovação.

§ 5.º — São considerados como tendo perdido o ano os alunos que no fim do período letivo tenham obtido média inferior a quatro (4) em uma matéria, nos termos do decreto 10.362

VI

Matérias em que o aluno deve ser promovido

CURSO DE ADAPTAÇÃO**Primeiro ano**

Português
Francês

Aritmética
Ciências naturais
Geografia
História do Brasil e educação
cívica
Música
Canto coral
Desenho
Trabalhos manuais e modelagem
Educação física.

Segundo ano

Português
Francês
Aritmética
Ciências naturais
Geografia
História do Brasil e educação
cívica
Música
Canto coral
Desenho
Trabalhos manuais e modelagem
Educação física

CURSO NORMAL

Primeiro ano

Português
Francês
Aritmética
Geografia
Música
Canto coral
Desenho
Trabalhos manuais e modelagem
Educação física.

Segundo ano

Português
Francês
Aritmética
Geometria
Geografia
Ciências naturais
Música
Canto coral
Desenho
Trabalhos manuais e modelagem
Educação física.

Terceiro ano

Português
Francês
História do Brasil e Educação
cívica

Canto coral
Psicologia infantil e higiene
escolar
Metodologia
Educação física
Prática profissional.

CURSO DE APLICAÇÃO

Primeiro ano

Biologia da higiene
História da civilização
Psicologia educacional
Educação física
Metodologia
Prática profissional

Segundo ano

Biologia e higiene
História da civilização
Psicologia educacional
Educação física
Metodologia
Prática profissional

VII

Das promoções e exames das classes primárias anexas

Art. 7.º As promoções e os exames das classes primárias anexas efetuar-se-ão, no próprio estabelecimento, com a presença do fiscal, depois de todos os exames e promoções do curso normal, cingindo-se em tudo aos dispositivos do regulamento do ensino primário e avisos expedidos pela Secretária.

§ 1.º Os exames serão processados perante uma comissão composta de uma professora das referidas classes e outra do grupo escolar local, sendo dada a presidência a uma outra professora das mesmas classes.

§ 2.º O certificado de aprovação no quarto ano dessas classes dá acesso ao curso de adaptação.

VIII

Das trabalhos de segunda época
Art. 8.º Os trabalhos na segunda época obedecerão à seguinte ordem:

a) Exames de admissão ao curso de adaptação;

b) Exames de admissão ao curso normal;

c) Exames vagos e de adaptação ao regulamento;

d) matrícula.

Art. 9.º Haverá exame de admissão para os candidatos à matrícula no primeiro ano do curso de adaptação e no primeiro ano do curso normal, aos quais só poderão concorrer pessoas estranhas.

IX

Art. 10. Os candidatos à matrícula no primeiro ano do curso de adaptação, que não possuem certificado de conclusão do curso primário, poderão fazer exames de admissão (art. 113, do decreto 10.362).

§ 1.º Esses exames constarão das matérias do quarto ano dos grupos escolares e serão processados perante banca examinadora organizada de conformidade com o parágrafo 1.º do artigo 7.º, devendo ser processados segundo os dispositivos do regulamento do ensino primário e avisos expedidos pela Inspeção Geral da Instrução e com a presença do fiscal.

X

Exames de admissão ao curso normal

Art. 11. Os candidatos à matrícula no primeiro ano do curso normal, que não tiverem feito o curso de adaptação, poderão prestar exames de admissão (artigo 114 do decreto 10.362), os quais constarão das matérias do curso de adaptação e serão efetuados perante banca examinadora composta de três professores desse curso, com a presença do fiscal.

XI

Exames vagos e de adaptação ao regulamento

Art. 12. Os exames vagos são destinados aos alunos mencionados no parágrafo 2.º do artigo 7.º e deverão ser efetuados de conformidade com o artigo 89 do Regulamento.

§ 1.º Os exames de adaptação ao regulamento destinam-se aos

alunos de escolas normais oficiais ou reconhecidas de outros Estados que desejarem matrícula em qualquer escola normal deste Estado e deverão ser feitos perante uma banca examinadora composta de três professores do curso normal, com assistência do fiscal (artigo 111 do decreto 10.362). Os alunos terão de fazer exame de matéria ou matérias que faltam para se dar a coincidência com as do ano anterior ao em que pretenderem a matrícula (parágrafo único do artigo 111 do decreto n. 10.362).

§ 2.º Poderão também prestar exames de adaptação ao regulamento os candidatos à matrícula que tenham interrompido o curso, os quais farão os exames que forem necessários para regularizar sua situação de conformidade com a distribuição de matérias feita pelo Regulamento 9.450 e pelo decreto 10.362.

§ 3.º Deverão igualmente fazer exames de adaptação ao regulamento os alunos que desejarem matrícula no terceiro ano do curso normal por terem concluído a quinta série anual (artigo 110 do decreto 10.362). Os exames necessários são de desenho, trabalhos manuais e modelagem, música, canto coral e educação física e serão realizados perante banca examinadora composta de três professores do curso normal e assistidos pelo fiscal.

§ 4.º Os exames mencionados nos parágrafos 1.º, 2.º e 3.º deverão ser processados de conformidade com o determinado no parágrafo 2.º do art. 4.º.

XII

Matrícula

Art. 13. Sómente poderá ser matriculado o aluno que satisfizer todas as exigências regulamentares, não podendo absolutamente ser permitida a matrícula condicional.

§ 1.º No primeiro ano do curso de adaptação poderá ser matriculado o aluno que apresentar os documentos exigidos pelo art.

10, do Regulamento, combinado com o art. 11 e mais o art. 113, do decreto 10.362.

§ 2.º No segundo ano dêse curso será matriculado o aluno que concluir o primeiro ano ou que ficar dependendo, depois das promoções feitas em dezembro próximo futuro e dos exames de segunda época (vagos), de uma matéria, no máximo, do ano anterior.

§ 3.º No primeiro ano do curso normal poderá ser matriculado:

a) o aluno que concluir o curso de adaptação;

b) o aluno que fizer exame de admissão;

c) o aluno que vier de escola normal oficial ou reconhecida de outro Estado e que tenha feito, no caso de ser preciso, os exames exigidos pelo parágrafo único do art. 111, do decreto 10.362, e pelo parágrafo 1.º, do art. 12, destas instruções;

d) o aluno que apresentar certificado de aprovação em exames de preparatórios correspondentes às matérias exigidas para o exame de admissão, prestados em ginasios oficiais ou equiparados (art. 114, do decreto 10.362).

§ 4.º No segundo ano do curso normal será matriculado:

a) o aluno que tenha concluído o primeiro ano ou que tenha ficado dependendo de uma matéria, no máximo;

b) o aluno da escola normal oficial ou equiparada de outro Estado, nos termos do art. 111, do decreto 10.362, e parágrafo 1.º, do art. 12, destas instruções.

§ 5.º No terceiro ano será matriculado:

a) o aluno que tenha concluído o segundo ano ou que ficar dependendo de uma matéria, no máximo;

b) o aluno de escola normal oficial ou reconhecida de outro Estado, nos termos do art. 111, do decreto 10.362, e do parágrafo

1.º, art. 12, destas instruções;

c) o aluno que tenha concluído a quinta série ginasial e tenha feito os exames exigidos pelo parágrafo 3.º, do art. 12, destas instruções.

XIII

Documentos exigidos

Art. 14. Documentos exigidos para inscrição em exames:

§ 1.º Os candidatos a exames de admissão ao primeiro ano do curso de adaptação, deverão apresentar:

a) atestado médico que prove terem sido vacinados contra a varíola e que não apresentam nenhuma das moléstias, anomalias e defeitos, a que se refere o art. 114, do Regulamento do Ensino Primário.

b) certidão de idade que prove terem no mínimo, 11 anos.

§ 2.º Os candidatos a exames de admissão ao curso normal deverão apresentar:

a) atestado médico, nos termos do parágrafo 1.º, deste artigo;

c) certidão de idade, que prove terem no mínimo 13 anos.

§ 3.º Os candidatos a exames vagos e de adaptação ao regulamento terão de apresentar os seguintes documentos:

a) atestado médico, nos termos do parágrafo 1.º, deste artigo;

b) certidão de idade;

c) certidão ou documento que a substitua, provando o ano do curso em que estiveram matriculados na ultimo escola frequentada, quais as matérias estudadas e em que anos.

Art. 15. Documentos exigidos para matrícula:

§ 1.º Para a matrícula no primeiro ano do curso de adaptação será exigido o seguinte:

a) certidão de idade que prove ter o candidato, no mínimo, 11 anos;

b) atestado médico, nos termos do parágrafo 1.º, do art. 14, destas instruções;

c) certificado de aprovação no exame de admissão ou no do quarto ano primário.

§ 2.º Para a matrícula no primeiro ano do curso normal serão exigidos os seguintes documentos:

a) certidão de idade, que prove ter o candidato no mínimo 13 anos;

b) atestado médico, nos termos do parágrafo 1.º, do art. 14, destas instruções;

c) documentos constantes das letras a, b, c e d, do parágrafo 3.º, do art. 13, destas instruções, isto é, um dos documentos mencionados no referido parágrafo.

XIV

Disposições gerais

Art. 16. Os diretores de escolas normais e os fiscais não podem permitir a matrícula de qualquer aluno que não satisfaça as exigências regulamentares e nem permitir que seja submetido a exames quem não estiver em condições, ficando os infratores passíveis das penalidades previstas pelo regulamento.

§ 1.º O resultado do exame de admissão deve ser dado depois de feitas todas as provas. O aluno não pôde ser considerado aprovado no exame de admissão, desde que obtenha em uma das matérias média inferior a quatro (4) e, logo que isso aconteça, não é necessário que o mesmo continue a fazer os exames restantes.

§ 2.º O exame ou promoção em canto coral deve ser feito separadamente do de música, visto serem dois exames ou promoções distintas. Assim sendo, um aluno não pode ser aprovado ou promovido em música e não ser aprovado ou promovido em canto coral, ou vice-versa.

§ 3.º Os quadros sinópticos, pelos quais serão únicos responsáveis os fiscais, deverão conter o nome do aluno, seu abreviatura, o número de faltas dadas pelos alunos em cada matéria, a média obtida pelos mesmos, a frequência á biblioteca e o número de faltas a esta ultima.

§ 4.º O pagamento das diárias a que os fiscais tiverem direito só será providenciado, á vista do relatório organizado de conformidade com estas instruções, e acompanhados dos respectivos quadros sinópticos, bem como das cópias exigidas no parágrafo 7.º, deste artigo.

§ 5.º Não serão aceitos relatórios ou quadros sinóticos com borões, emendas, rasuras, etc.

§ 6.º O prazo para a apresentação do relatório não será, em hipótese alguma, prorrogado.

§ 7.º Os relatórios deverão vir acompanhados de cópias dos termos de promoção (artigo 130, do decreto 10.362), e cópias das atas dos exames, devidamente autenticadas.

Secretaria da Educação e Saúde Pública, em Belo Horizonte, 31 de outubro de 1933.

Noraldino Lima, secretario da Educação e Saúde Pública.

ERRATAS

Realização do projeto "Jardinagem" no Grupo Escolar
"Olegario Maciel"

Onde se lê:

Leia-se:

Pag. 30 — Penso que...

Pensamos que...

Pag. 33 — Porque motivo não
se teriam...

Porque motivo não teriam os
alunos se dirigido...

Pag. 35 — A nota relativa ao asterisco desta pagina figura na
pag. 38.

14 13

Origem: Doação

Preço: